

P.C. CAST + KRISTIN CAST



seduzida

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Eu e a Kristin gostaríamos de dedicar este livro
à nossa editora fabulosa, Jennifer Weis, com quem é
um tal prazer trabalhar que até a re-escrita fica tolerável.
Adoramos-te, Jen!*

AGRADECIMENTOS

A Kristin e eu queremos mais uma vez agradecer a nossa maravilhosa equipa na St. Martin's Press. Pensamos nela como uma família, e apreciamos a sua simpatia, generosidade, criatividade e crença em nós. Obrigado, obrigado, obrigado: Jennifer Weis, Anne Bensson, Matthew Shear, Anne Marie Tallberg, Brittney Kleinfelter, Katy Hershberger e Sally Richardson. Também queremos mandar muitos beijinhos à nossa brilhante equipa de design, Michael Storrings e Elsie Lyons.

Obrigada, Jenny Sullivan, pelas tuas excelentes e assustadoras habilidades como revisora.

Como sempre, agradecemos à nossa fabulosa agente e amiga, Meredith Bernstein, que mudou as nossas vidas com três palavras pequenas: escola de vampiros.

E, claro, um agradecimento aos nossos fãs! Especialmente àqueles que nos contactam e nos revelam o quanto a Casa da Noite tocou os vossos corações.

sequzjda



PRIMEIRO CAPÍTULO

Zoey

O céu noturno sobre a cidade de Tulsa estava iluminado por uma Lua mágica em Quarto Crescente. A radiância fazia com que o gelo que cobria a cidade, e a Abadia Beneditina onde acabáramos de ter um confronto com um imortal caído em desgraça e uma Sumo-Sacerdotisa traidora, cintilar como se tudo em meu redor parecesse tocado pela nossa Deusa. Contemplei o círculo banhado pelo luar que estava em frente à Gruta de Maria, o lugar de poder onde, não há muito tempo, o Espírito, o Sangue, a Terra, a Humanidade e a Noite se tinham personificado e depois aliado para triunfar sobre ódio e a escuridão. A imagem esculpida de Maria, rodeada por rosas de pedra e aninhada num pedestal bem alto na gruta, parecia um espelho a refletir a luz prateada. Olhei para a estátua. O semblante de Maria estava sereno; as faces cobertas de gelo brilhavam como se ela chorasse de alegria contida.

O meu olhar subiu para o céu. *Obrigada*. Fiz uma prece silenciosa à belíssima meia-lua que simbolizava a minha Deusa, Nyx. *Estamos vivos. Kalona e Neferet foram-se.*

— Obrigada — sussurrei para a Lua.

Escuta com a tua alma...

As palavras acariciaram-me, subtis e doces como folhas tocadas por uma brisa estival; passaram pela minha consciência com tanta leveza que a minha mente quase nem as assimilou, mas a ordem de Nyx ficou indelével na minha alma.

Tinha vaga consciência de que havia muita gente (bem, freiras, iniciados e alguns vampyros) à minha volta. Ouvia a mescla de gritos, conversas, choro, e até riso, a encher a noite, mas parecia-me tudo dis-

tante. Naquele momento, as únicas coisas reais para mim eram a Lua no céu e a cicatriz que me cortava o peito de ombro a ombro. Senti formigueiro nela em resposta à minha prece silenciosa, mas não doeu. Não muito. Era aquela sensação de formigueiro já sobejamente conhecida a garantir-me que Nyx, mais uma vez, me deixara Marcada como sua. Sabia que, se espreitasse para dentro da blusa, veria uma tatuagem nova a decorar aquela cicatriz comprida e assanhada com uma filigrana exótica cor de safira — sinal comprovativo de que eu seguia o caminho da minha Deusa.

— Erik e Heath, procurem a Stevie Rae, o Johnny B e o Dallas — depois verifiquem o perímetro da abadia para ver se os Zomba-Corvos fugiram todos com Kalona e Neferet! — Era Dário a dar ordens, e a voz dele foi um choque que me arrancou ao transe quente da oração e, quando o ruído me assolou os sentidos, foi como se ligassem um iPod no máximo, e a confusão toldou-me os sentidos.

— Mas o Heath é humano. Um Zomba-Corvos pode matá-lo em segundos. — As palavras saíram-me da boca antes que as pudesse impedir, provando indubitavelmente que ficar parvinha com a Lua era apenas uma das minhas (in)capacidades.

Como seria de prever, Heath inchou como um peixe-balão.

— Zo, não sou mariquinhas nenhum!

Erik, muito alto e muito crescido, ao estilo de vampyro «dou-te um enxerto», resfolegou sarcástico e disse:

— Não, és humano. Espera, isso faz de ti mariquinhas *sim senhor!*

— Portanto, derrotamos os maus da fita e, nem passados cinco minutos, o Erik e o Heath já batem no peito um para o outro. Que falta de originalidade! — Disse Afrodite com o seu habitual sorriso sarcástico, e juntou-se a Dário, mas o semblante dela alterou-se completamente quando olhou para o guerreiro Filho de Erebus.

— Olá, jeitoso. Estás bem?

— Não tens de te preocupar comigo — respondeu Dário. Os olhos dele encontraram os dela, e praticamente viu-se passar a química entre eles mas, em vez de se aproximar dela e começarem a beijar-se desalmadamente, o guerreiro continuou a dar atenção a Stark.

O olhar de Afrodite deixou o de Dário e focou Stark.

— Credo, que nojo. Tens o peito todo queimadinho.

James Stark estava de pé entre Dário e Erik. Bem, *de pé* não era bem como ele estava. Stark balançava e parecia extremamente instável.

Sem ligar nenhuma a Afrodite, Erik falou.

— Dário, será melhor lewares o Stark lá para dentro. Eu coordeno o

reconhecimento com a Stevie Rae e asseguro-me de que corre tudo bem cá fora. — As palavras eram neutras, mas o tom era típico do «patrão que manda», o que só piorou e o fez parecer um asno pomposo quando acrescentou condescendentemente:

— Até deixo o Heath ajudar.

— Tu *deixas-me* ajudar? — Protestou Heath. — A tua *mãezinha* deixa-me ajudar.

— Ouve lá, qual deles é que é teu namorado? — Perguntou Stark. Mesmo naquele estado lastimável, o olhar dele prendeu-me o meu. A voz saía-lhe rouca, ele parecia pavorosamente fraco, mas os olhos brilhavam, prazenteiros.

— Sou eu! — Disseram Heath e Erik em unísono.

— Oh, merda para isto, Zoey, são dois idiotas! — Disse Afrodite.

Stark começou a rir-se, mas depois tossicou, e acabou a arquejar penosamente. Os olhos giraram nas órbitas e, como um castelo de cartas, foi-se abaixo.

Movendo-se com a rapidez que era apanágio de um guerreiro Filho de Erebus, Dário apanhou Stark antes que ele caísse no chão.

— Tenho de o levar para dentro — disse ele.

Senti que a cabeça me ia rebentar. Caído nos braços de Dário, Stark parecia à beira da morte.

— N-nem se-sequer sei onde fica a enfermaria — gaguejei.

— Não faz mal. Vou pedir a um pinguim que nos diga — atalhou Afrodite.

— Oh, dona freira! — Gritou ela para uma das irmãs vestidas de preto e branco, as quais tinham saído da abadia que nem baratas em fuga, depois de a noite passar do caos da batalha para o caos do rescaldo.

Dário foi atrás da freira, com Afrodite na sua peugada, mas antes ainda olhou para trás.

— Não vens connosco, Zoey?

— Assim que puder. — Antes que eu pudesse lidar com Erik e Heath, ouvi atrás de mim uma voz com sotaque sobejamente conhecido a salvar o dia.

— Vai lá com o Dário e a Afrodite, Z. Eu tomo conta dos Malucos à Solta e asseguro-me de que não há bichos-papões por aí.

— Stevie Rae, tu és a Melhor Amiguinha do Peito de Todas as Amiguinhas do Peito. — Virei-me e abracei-a rapidamente, adorando a sensação sólida e normal que ela me transmitia. Aliás, parecia tão normal que até senti uma coisa esquisita, quando ela se afastou e me sorriu, e eu vi, como se fosse a primeira vez, as tatuagens escarlates que saíam da sua

meia-lua preenchida no meio da testa e lhe desciam dos dois lados do rosto. Senti um desconforto que não soube explicar.

Ela entendeu mal a minha hesitação e disse:

— Não te rales com estes dois totós. Já estou habituada a separá-los.
— Como fiquei ali espedada a olhar para ela, o sorriso radioso de Stevie Rae desvaneceu-se.

— Ouve, sabes que a tua avó está bem, não sabes? A Kramisha levou-a para dentro logo depois de Kalona ser banido, e a Irmã Mary Angela acabou de me dizer que vai lá dentro ver como ela está.

— Pois, lembro-me de a Kramisha a ajudar com a cadeira de rodas. Só estou... — A voz morreu-me na garganta. Só estou o quê? Como é que eu podia verbalizar a sensação que me assombrava de que nem tudo estava bem com a minha melhor amiga e o grupo de miúdos com quem ela andava, e como é que digo isso à minha melhor amiga?

— Só estás cansada e ralada com um monte de coisas — disse Stevie Rae baixinho.

Seria compreensão o que vi perpassar nos olhos dela? Ou outra coisa, algo mais negro?

— Eu percebo, Z, e vou tratar das coisas aqui. Vai lá ver se o Stark fica bem. — Tornou a abraçar-me e depois deu-me um empurrãozinho na direção da abadia.

— 'Tá. Obrigada — disse eu, aparvalhada, e comecei a andar para a abadia sem ligar aos dois totós que ali estavam espedados a olhar para mim.

Stevie Rae ainda disse:

— Olha, lembra ao Dário das horas. Falta cerca de uma hora para nascer o Sol, e tu sabes que eu e os iniciados vermelhos temos de ir para dentro abrigarmo-nos do Sol antes disso.

— Pois, na boa, eu lembro-o — disse eu.

O problema é que era cada vez mais difícil para mim *esquecer* que Stevie Rae já não era a mesma.



SEGUNDO CAPÍTULO

Stevie Rae

Vocês dois, escutem bem. Só vou dizer isto uma vez: *portem-se bem*. — No meio dos dois rapazes, Stevie Rae pôs as mãos nas ancas e fez má cara para Erik e Heath. Sem tirar os olhos deles, chamou:

— Dallas!

Quase de imediato, o miúdo correu para ela.

— O que se passa, Stevie Rae?

— Chama o Johnny B. Diz-lhe que leve o Heath e que procurem na parte da frente da abadia, pela Rua Lewis fora, e que vejam se os Zomba-Corvos se foram mesmo embora. Tu e o Erik ficam com o lado sul do edifício. Eu vou pela alameda da 21 ver o que se passa.

— Sozinha? — Perguntou Erik.

— Sim, sozinha — respondeu Stevie Rae. — Esqueces-te de que posso bater o pé neste momento e fazer a terra tremer? E também posso pegar em ti e virar-te ao contrário, ciumento tolo. Parece-me que posso muito bem ir sozinha ver aquelas árvores.

Ao lado dela, Dallas riu-se.

— E a mim parece-me que a vampe vermelha com afinidade pelo elemento terra ganha ao vampe azul do teatro.

Isto fez com que Heath galhofasse. Como seria de prever, Erik preparou-se para contra-atacar.

— Não! — Ralhou Stevie Rae antes que os estúpidos dos rapazes começassem ao murro.

— Minha gente, se não sabem ser simpáticos, estejam caladinhos.

— Mandaste-me chamar, Stevie Rae? — Perguntou Johnny B e foi pôr-se ao lado dela. — Vi o Dário levar o miúdo do arco para a abadia, e ele disse-me que viesse ter contigo.

— Mandei — disse ela, aliviada. — Quero que tu e o Heath vão passar a pente fino a dianteira da abadia, ali na Lewis. Para termos a certeza de que os Zomba-Corvos se foram mesmo.

— “Tou no ir! — Disse Johnny B, e deu um soco a brincar no ombro de Heath.

— Anda lá, ponta de lança, vamos ver o que é que vales.

— Tomem atenção às árvores e coisas escuras — lembrou Stevie Rae, a abanar a cabeça quando Heath se desviou e deu alguns socos rápidos no ombro de Johnny B.

— Na boa — disse Dallas, e começou a afastar-se com um Erik muito calado.

— E despachem-se — disse ela ainda aos dois grupos. — O Sol não tarda a nascer. Minha gente, encontrem-se comigo na Gruta de Maria daqui a meia hora ou coisa assim. Gritem se encontrarem alguma coisa, que vamos todos a correr.

Stevie Rae ficou a observar os quatro para ter a certeza de que iam mesmo para onde os mandara, virou-se e, com um suspiro, lançou-se à sua própria missão. Mas que seca, caneco! Stevie Rae adorava Z de todo o coração, mas lidar com os namorados da sua Amiguinha do Peito fazia-a sentir-se como um sapo no meio de um tufão! Ela até achava que Erik era o tipo mais grosso do mundo inteiro e arredores mas, depois de passar alguns dias com ele, agora achava-o uma seca do camandro com um ego do tamanho de um bisonte. Heath era fofo, mas apenas humano, e a Z fazia bem em ralar-se com ele. Os humanos morriam realmente com mais facilidade do que os vampes, ou até do que os iniciados. Stevie Rae olhou por cima do ombro, a tentar lobrigar Johnny B e Heath, mas a escuridão gelada e as árvores já a tinham engolido e já não conseguia ver ninguém.

Não era que Stevie Rae se importasse de estar sozinha, para variar. Johnny B tomaria conta de Heath. A verdade era que estava contente por se ver livre dele e do ciumento Erik algum tempo. Aqueles dois faziam-na dar mais valor a Dallas. Ele era simples e descontraído. Era mais ou menos namorado dela. Os dois tinham qualquer *coisa*, mas não era obstáculo a nada. Dallas sabia que Stevie Rae tinha imensa coisa com que lidar, e deixava-a lidar à maneira dela. E estava lá para os tempos livres. Dallas era um descanso!

A Z podia aprender umas coisas comigo sobre lidar com rapazes, pen-

sou Stevie Rae enquanto abria caminho pelas árvores antigas que rodeavam a Gruta de Maria e a escondiam da concorrida Rua 21.

Bem, uma coisa era certa — estava mesmo uma noite da treta. Stevie Rae não dera mais de dez passos e já tinha os caracóis curtos e louros todos ensopados. Caneco, até lhe escorria água pelo nariz abaixo! Limpou a cara com as costas da mão, aquela mistura fria de chuva e gelo. Estava tudo tão estranho, escuro e silencioso. Era esquisitíssimo que não houvesse luzes nenhuma na Rua 21. Não se via um único automóvel — nem sequer a polícia a fazer a ronda. Stevie Rae escorregou e deixou-se ir pela ravina. Os seus pés deram com a estrada e só a sua visão noturna de vampira vermelha a impediu de se desorientar. Parecia que Kalona fugira e levava o som e a luz com ele.

Sentiu-se nervosa, tirou outra vez o cabelo ensopado da cara e recompôs-se.

— Estás a portar-te como uma cobardolas, e sabes que isso é uma estupidez! — Falou alto e ficou ainda mais assustada quando as palavras soaram amplificadas pelo gelo e a escuridão.

Mas por que raio estava tão assustada?

— Pode ser porque andas a esconder coisas da tua Amiguinha do Peito — resmungou Stevie Rae, e depois fechou firmemente a boca. A voz dela soava alto de mais naquela noite escura e cheia de gelo.

Porém, ia contar à Z das outras coisas. A sério que ia! Só que ainda não tinha havido tempo. E a Z já tinha muito em que pensar, não precisava de mais stresse. E... e... era difícil falar sobre isso, mesmo com a Zoey.

Stevie Rae deu um pontapé num ramo partido e coberto de gelo. Sabia que não interessava nada que fosse difícil. Ia falar com a Zoey. Tinha de ser. Mas depois. Talvez muito depois.

Era melhor concentrar-se no presente, pelo menos por enquanto.

Stevie Rae semicerrou os olhos e protegeu-os da chuva gelada com a mão; tentava perscrutar as copas das árvores. Mesmo com a escuridão e a tempestade, a vista dela era boa, e ficou aliviada por não ver vultos grandes a pairarem sobre ela. Achou mais fácil caminhar pela berma da estrada e desceu a Rua 21, para longe da abadia, sempre com os olhos virados para cima.

Só quando estava quase a chegar à cerca, a qual separava a propriedade das freiras do condomínio seletto que havia ao lado, é que Stevie Rae sentiu o cheiro.

Sangue.

O tipo errado de sangue.

Parou. Com um ar quase animalesco, Stevie Rae farejou a noite. Es-

tava prenhe do odor húmido e abafado do gelo a tapar a terra, o cheiro a canela das árvores, e do asfalto feito por mão humana a seus pés. Ignorou esses odores e concentrou-se no sangue. Não era sangue humano, nem sequer sangue iniciado, pelo que não cheirava a sol e primavera — mel e chocolate — amor e vida e tudo o que ela sempre sonhara. Não, aquele sangue cheirava negro de mais. Espesso de mais. Tinha nele demasiado de algo que não era humano. Mas ainda era sangue, e atraía-a, embora ela reconhecesse algo errado no mais fundo da sua alma.

Foi o odor a algo estranho, algo sobrenatural, que a levou às primeiras poças cor de carmim. Na escuridão tempestuosa da alvorada sem sol, nem a sua visão superior conseguiu ver mais do que poças no gelo que atapetava a estrada e cobria a erva ao lado. Mas Stevie Rae sabia que era sangue. Muito sangue.

Mas não havia animal ou humano nenhum ali a sangrar.

Em contrapartida, havia um rasto de negrume líquido a engrossar na camada de gelo, a afastar-se da estrada rumo à parte mais densa do arvoredo atrás da abadia.

O seu instinto de predador entrou imediatamente em ação. Stevie Rae mexeu-se furtivamente, mal respirava, não fazia ruído algum, a seguir o rasto de sangue.

Foi debaixo de uma das maiores árvores que o encontrou, debaixo de um ramo enorme acabado de partir, como se ele se tivesse escondido ali para morrer.

Stevie Rae sentiu um arrepio de medo pelo corpo todo. Era um Zomba-Corvos.

A criatura era enorme. Maior do que ela diria quando os vira à distância. Estava deitado de lado, a cabeça meio enterrada na terra, e ela não lhe conseguia ver a cara. A asa gigantesca que Stevie Rae via parecia esquisita, estava obviamente partida, e o braço humano por baixo dela tinha um ângulo estranho e estava ensanguentado. As pernas também eram humanas, e estavam encolhidas como se ele tivesse morrido em posição fetal. Stevie Rae lembrou-se de ouvir Dário disparar uma arma quando ele e a Z e a malta tinham cavalgado como morcegos saídos do inferno pela Rua 21 abaixo rumo à abadia. Portanto, ele abatera-o em voo.

— Caneco — disse ela baixinho. — Deve ter sido cá uma queda.

Stevie Rae pôs as mãos em redor da boca, a preparar-se para chamar Dallas para que ele e os outros a ajudassem a levar o corpo dali para fora, quando o Zomba-Corvos se mexeu e abriu os olhos.

Ficou paralisada. Os dois olharam-se. Os olhos vermelhos da criatu-

ra arregalaram-se, admirados e impossivelmente humanos naquela cara de pássaro. Olharam para ela e em redor dela, a ver se estaria sozinha. Ato contínuo, Stevie Rae agachou-se, levantou as mãos na defensiva e concentrou-se para chamar a terra em seu auxílio.

E depois ele falou.

— Mata-me. Acaba com isto — arquejou, ofegante de dor.

O som da voz dele era tão humano, tão inesperado que Stevie Rae deixou cair as mãos ao lado do corpo e deu um passo atrás.

— Tu falas! — Balbuciou ela.

Depois o Zomba-Corvos fez algo que deixou Stevie Rae completamente chocada e que alterou a sua vida irrevogavelmente.

Riu-se.

Foi um ruído seco e sarcástico que terminou num gemido de dor. Mas era riso, e imbuiu as suas palavras de humanidade.

— Sim — disse ele enquanto sorvia ar. — Eu falo. Eu sangro. Eu morro. Mata-me e acaba com isto. — Tentou sentar-se, como que ansioso por defrontar a sua morte, mas o movimento fê-lo gritar de agonia. Os olhos demasiado humanos rolaram nas órbitas e ele caiu no chão gelado, inconsciente.

Stevie Rae mexeu-se antes de se lembrar de tomar uma decisão sequer. Quando chegou ao pé dele, hesitou apenas um segundo. Ele desmaiara de barriga para baixo, pelo que era simples para ela afastar as asas e agarrá-lo por baixo dos braços. Era grande, mesmo grande — como um homem a sério — e ela preparou-se para o peso, mas não era pesado. Aliás, era tão leve que foi superfácil para ela arrastá-lo, o que deu consigo a fazer enquanto ouvia uma voz dentro da cabeça: *Mas que raio? Mas que raio? Mas que raio?*

Mas que raio estava ela a fazer?

Stevie Rae não sabia. Só sabia o que *não* estava a fazer. Não estava a matar o Zomba-Corvos.



TERCEIRO CAPÍTULO

Zoey

Ele vai ficar bem? — Tentei sussurrar para não acordar Stark, mas não devo ter conseguido porque as pálpebras dele mexeram-se e os lábios curvaram-se ligeiramente, num arremedo penoso do seu meio sorriso malandro.

— Ainda não morri — disse ele.

— E eu não estou a falar contigo — disse eu, numa voz muito mais irritada do que tencionava.

— Tento na língua, *u-we-tsi-a-ge-ya* — a Avó Redbird ralhou-me quando a Irmã Mary Angela, priora das freiras beneditinas, a ajudou a entrar na pequena enfermaria.

— Avó! Cá estás tu! — Corri para ela e ajudei a Irmã Mary Angela a sentá-la numa cadeira.

— Ela está só ralada comigo. — Stark fechara os olhos outra vez, mas ainda havia um meio sorriso nos seus lábios.

— Eu sei disso, *tsi-ta-ga-a-s-ha-ya*. Mas a Zoey é uma Sumo-Sacerdotisa em formação e tem de aprender a moderar as emoções.

Tsi-ta-ga-a-s-ha-ya! Ter-me-ia rido a bom rir se a Avó não parecesse tão pálida e frágil, e se eu não estivesse, bem, tão ralada com tudo.

— Desculpa, Avó. Tenho de ter tento na língua, mas é difícil quando toda a gente de quem eu gosto está sempre quase a morrer! — Terminei de rajada e tive de respirar fundo para me recompor.

— E não devias estar na cama?

— Em breve, *u-we-tsi-a-ge-ya*, em breve.

— O que quer dizer *tsi-ta-ga-a-s*-qualquer coisa? — A voz de Stark

estava pastosa de dor quando Dário lhe aplicou uma pomada espessa nas queimaduras mas, apesar dos ferimentos, parecia estar a divertir-se e muito curioso.

— *Tsi-ta-ga-a-s-ha-ya* — corrigiu a Avó — significa galo.

Os olhos dele brilharam de boa disposição.

— Toda a gente diz que a Avó é uma mulher sábia.

— O que é menos interessante do que aquilo que toda a gente diz de ti, *tsi-ta-ga-a-s-ha-ya* — contrapôs a Avó.

Stark soltou uma risada, mas depois sorveu ar dolorosamente.

— Sossegado! — Ralhou Dário.

— Pensei que a Irmã tinha dito que vocês têm cá um médico. — Tentei não soar tão assustada quanto me sentia.

— Um médico humano não o pode ajudar — interrompeu Dário antes que a Irmã Mary Angela pudesse responder.

— Ele precisa de repouso e sossego e...

— Repouso e sossego chegam — interrompeu Stark. — Como já disse: ainda não morri. — Stark fitou Dário e eu vi o Filho de Erebus encolher os ombros e assentir rapidamente, como se desse alguma razão ao vampyro mais novo.

Eu não devia ter ligado àquela troca entre eles, mas já perdera a paciência horas antes.

— Pronto, o que é que me estão a esconder?

A freira que estivera a ajudar Dário lançou-me um olhar frio e contundente e disse:

— Talvez o jovem ferido precise de saber que o seu sacrifício não foi em vão.

As palavras duras da freira chocaram-me e fizeram-me sentir culpada, a tal ponto que senti a garganta embargada e não consegui responder àquela mulher de olhos penetrantes. O sacrifício que Stark estivera disposto a fazer fora dar a sua vida pela minha. Engoli em seco. Quanto valia a minha vida? Sou apenas uma miúda — acabei de fazer dezassete anos. Já fiz borrada uma e outra vez. Sou a re-encarnação de uma rapariga criada para encurrular um anjo caído, e isso significa que, no mais fundo da minha alma, não posso evitar amá-lo, mesmo sabendo que não deveria... não poderia...

Não. Eu não valia o sacrifício da vida de Stark.

— Eu já sei disso. — A voz de Stark não vacilou; de súbito, ele parecia forte e seguro. Pestanejei para dissipar as lágrimas e fitei-o. — O que fiz foi apenas parte do meu trabalho — disse ele. — Sou guerreiro. Prometi a minha vida ao serviço de Zoey Redbird, Sumo-Sacerdotisa e Amada de

Nyx. Significa isso que trabalho para a nossa Deusa e que ser atirado ao chão e queimado um bocadinho não quer dizer pevas se ajudar a Zoey a derrotar os maus.

— Bem apanhado, *tsi-ta-ga-a-s-ha-ya* — disse a Avó.

— Irmã Emily, está dispensada das suas obrigações na enfermaria para o resto da noite. Mande a Irmã Bianca rendê-la, se faz favor. Creio que a Irmã deveria, talvez, passar algum tempo em contemplação de Lucas 6:37 — disse a Irmã Mary Angela.

— Como lhe aprouver, Irmã — disse a freira, e saiu apressadamente do quarto.

— Lucas 6:37? O que quer dizer? — Perguntei.

— «Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados» — foi a Avó quem respondeu. Sorria como a Irmã Mary Angela, quando Damien bateu levemente à porta entreaberta.

— Podemos entrar? Tenho aqui alguém que quer muito ver o Stark. — Damien olhou por cima do ombro, fez um olhar como quem diz *fica aí*. O *uuf!* suave que veio em resposta indicou-me que *alguém* era, na verdade, um *cão*.

— Não a deixes entrar. — Stark fez uma careta de dor quando virou abruptamente a cabeça para não ver Damien à porta. — Diz ao tal Jack que ela agora é dele.

— Não. — Detive Damien quando ele ia recuar. — Diz ao Jack que traga a *Duquesa*.

— Zoey, não, eu... — Começou Stark, mas a minha mão erguida deteve-o.

— Trá-la — disse eu. Depois fitei Stark. — Confias em mim?

Ele olhou-me o que me pareceu uma eternidade. Vi claramente a vulnerabilidade e o sofrimento dele mas, por fim, acenou com a cabeça uma vez e disse:

— Confio em ti.

— Podes vir, Damien — disse eu.

Damien virou-se, murmurou algo para trás de si e depois afastou-se. Jack, o namorado de Damien, entrou no quarto primeiro. Tinha as faces coradas e os olhos húmidos das lágrimas. Deu uns passos, parou e virou-se para a porta.

— Podes vir. Não faz mal. Ele está aqui — disse Jack.

A cadela Labrador cor de mel entrou no quarto e fiquei admirada ao vê-la mexer-se sem ruído nem estrépito, pois era muito grande. Parou ao lado de Jack e olhou para ele, a abanar a cauda.

— Não faz mal — repetiu ele. Sorriu para a *Duquesa* e depois limpou as lágrimas que lhe tinham fugido e corriam pelas faces.

— Ele agora está melhor. — Jack fez sinal para a cama. A cabeça da *Duquesa* virou-se nessa direção e olhou diretamente para Stark.

O rapaz ferido e a cadela ficaram a olhar um para o outro enquanto todos retivemos o fôlego, juro.

— Olá, lindinha. — Stark falava com hesitação, a voz embargada pelas lágrimas.

As orelhas da *Duquesa* espevitaram-se e ela inclinou a cabeça para um lado.

Stark estendeu uma mão e fez um gesto convidativo.

— Anda cá, *Duca*.

Como se a ordem dele abrisse uma represa dentro da cadela, a *Duquesa* lançou-se, a gemer e a latir e a arfar — a portar-se mais como cachorrinha do que os seus mais de quarenta quilos dariam a entender.

— Não! — Ralhou Dário. — Para cima da cama, não!

A *Duquesa* obedeceu ao guerreiro e contentou-se em meter a cabeça no torso de Stark e o focinho enorme debaixo do braço dele, enquanto abanava o corpo inteiro, e Stark, o rosto radiante de felicidade, fez-lhe festinhas e disse-lhe muitas vezes que tivera muitas saudades dela e o quanto ela era boazinha.

Não me apercebi de que também chorava baba e ranho, até Damien me dar um lenço.

— Obrigada — balbuciei, e limpei a cara.

Ele sorriu-me, foi para perto de Jack, rodeou o namorado com um braço e deu-lhe palmadinhas no ombro (e também lhe deu um lenço). Ouvi Damien dizer-lhe:

— Vamos lá procurar o quarto que as irmãs nos arranjaram. Tu tens de descansar.

Jack fungou e soluçou, assentiu e deixou que Damien o levasse para a porta.

— Espera, Jack — chamou Stark.

Jack olhou para a cama onde a *Duquesa* ainda tinha a cabeça em cima de Stark, o qual a abraçara pelo pescoço.

— Fizeste um bom trabalho a tomar conta da *Duca* quando eu não podia.

— Não deu trabalho nenhum. Eu nunca tinha tido um cão, não fazia ideia do quanto são maravilhosos. — A voz de Jack vacilou um pouco. Pigarreou e continuou.

— Estou... Estou contente por já não seres... mau e horroroso e nada disso para ela poder ficar contigo outra vez.

— Pois, é mesmo isso. — Stark calou-se a fazer caretas com as dores que os movimentos lhe causavam.

— Ainda não estou a cem por cento e, mesmo quando estiver, não sei bem como vai ser o meu horário. Estou a pensar que me farias um grande favor se eu e tu partilhássemos a *Duquesa*.

— A sério? — O rosto de Jack animou-se.

Stark assentiu com ar cansado.

— A sério. Tu e o Damien não se importam de levar a *Duca* para o vosso quarto e, talvez, trazê-la cá mais tarde para me ver?

— Com certeza! — Exclamou Jack, e depois pigarreou outra vez. — Pois, como já disse, ela não dá trabalho nenhum.

— Ótimo — disse Stark. Pegou no focinho da *Duquesa* e olhou-a nos olhos.

— Estou bem agora, lindinha. Vais com o Jack para eu poder ficar melhor.

Sei que lhe deve ter causado dores lancinantes, mas Stark sentou-se na cama e inclinou-se para deixar a *Duquesa* lambe-lhe a cara.

— Linda menina... és mesmo lindinha... — Sussurrou ele, e beijou-a muitas vezes. — Agora vai com o Jack! Vai lá! — E fez sinal para Jack.

Depois de mais uma lambidela à cara de Stark, e de um gemido relutante, a *Duquesa* afastou-se da cama e trotou para perto de Jack, a abanar a cauda e a encostar o focinho nele, enquanto ele limpava os olhos com uma mão e lhe fazia festinhas com a outra.

— Vou tomar muito bem conta dela e depois trago-a para te ver assim que o Sol se puser, está bem?

Stark conseguiu sorrir.

— Está bem, obrigado, Jack. — Depois deixou-se cair nas almofadas.

— Ele precisa de repouso e sossego — disse Dário a todos nós, e continuou a tratar de Stark.

— Zoey, talvez possas ajudar-me a levar a tua avó para o quarto dela? Também ela precisa de repouso e sossego. Foi uma longa noite para todos nós — disse a Irmã Mary Angela.

Deixei de me ralar com Stark e virei-me para a Avó, mas continuei a olhar para as duas pessoas de quem gostava tanto.

Stark fitou-me.

— Vai lá tomar conta da tua avó. Sinto que o Sol não tarda a nascer. Devo apagar por essa altura.

— Pois... está bem. — Fui até à cama dele e fiquei lá, espedada e constrangida. O que deveria fazer? Beijá-lo? Apertar-lhe a mão? Esticar os polegares para cima e fazer um sorriso totó? Quer dizer, ele não era oficialmente meu namorado, mas tínhamos um elo que ia além da amizade. Sentindo-me confusa e ralada e completamente deslocada, pus-lhe a mão no ombro e murmurei:

— Obrigada por me salvaras a vida.

Entreolhámo-nos e o resto do quarto desvaneceu-se.

— Vou manter o teu coração em segurança sempre, mesmo que o meu tenha de parar de bater para isso — disse ele baixinho.

Debrucei-me, dei-lhe um beijo na testa e sussurrei:

— Vamos tentar que isso não aconteça, tá bem?

— Tá bem — sussurrou ele também.

— Vejo-te quando o Sol se puser outra vez — despedi-me de Stark e fui ter com a Avó. A Irmã Mary Angela e eu ajudámo-la a pôr-se de pé, amparámo-la para sair do quarto e descemos o corredor para outro dos quartos da enfermaria. A Avó parecia pequenina e frágil debaixo do meu braço e voltei a sentir um nó no estômago com a preocupação.

— Para de te afligir, *u-we-tsi-a-ge-ya* — disse ela, enquanto a Irmã Mary Angela punha almofadas à sua volta e a ajudava a ajeitar-se.

— Vou buscar os seus medicamentos — disse a Irmã Mary Angela. — Também vou ver se as portadas do quarto do Stark estão fechadas, para vocês conversarem um bocadinho, mas quando voltar insisto que tome o comprimido e durma.

— A Mary Angela é como um capataz — disse a Avó.

— Diz o roto ao nu, Sylvia — retorquiu a freira, e saiu do quarto.

A Avó sorriu-me e deu palmadinhas na cama a seu lado.

— Anda cá sentar-te comigo, *u-we-tsi-a-ge-ya*.

Sentei-me ao lado da Avó com as pernas dobradas, a tentar não mexer muito a cama. A Avó tinha no rosto as marcas do *airbag* que lhe salvara a vida. Parte do lábio e da face tinham pontos que lhe escureciam a pele. Tinha a cabeça ligada e o braço direito engessado e com muito mau aspeto.

— É irónico, não é, que os meus ferimentos pareçam tão maus, quando não doem tanto nem têm tantas repercussões quanto as feridas invisíveis dentro de ti — disse ela.

Ia dizer à Avó que estava tudo bem, mas as palavras dela dissiparam o que me restava de reticência.

— Há quanto tempo sabes que és a re-encarnação da donzela A-ya?



QUARTO CAPÍTULO

Zoey

Senti-me atraída por Kalona na primeira vez em que o vi — disse eu devagar. Não ia mentir à Avó, mas isso não queria dizer que fosse fácil contar-lhe a verdade. — Mas quase todos os iniciados e até os vampyros se sentiram atraídos por ele — aliás, foi como se estivessem encantados por um sortilégio lançado por ele.

A Avó assentiu. — Assim mo disse a Stevie Rae. Mas foi diferente contigo? Mais do que apenas o magnetismo mágico que ele tem?

— Foi. Comigo não foi tanto como um sortilégio. — Engoli em seco. — Não fui tentada a pensar que ele era Erebus descido à Terra, e sabia que ele estava unido a Neferet para o mal. Vi a escuridão dele. Mas também queria estar com ele — não por ainda acreditar que ele pudesse ser capaz de ser bom, mas porque o *queria* a ele, embora soubesse que isso não era correto.

— Mas lutaste contra esse desejo, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Escolheste o teu próprio caminho, o caminho do amor e da tua Deusa, e assim a criatura foi banida. Escolheste o amor — repetiu ela devagar. — Que isso seja o bálsamo para a ferida que ele abriu na tua alma.

A sensação de aperto e pânico no meu peito começou a amainar.

— *Posso seguir o meu próprio caminho* — afirmei com mais convicção do que sentira desde que me apercebera ser a re-encarnação de A-ya. Depois franzi o sobrolho. Não podia negar que eu e ela estávamos ligadas. Chamem-lhe essência ou alma ou espírito ou o que quiserem — ligava-me a um ser imortal tanto quanto a terra que o aprisionara durante séculos.

— Não sou A-ya — repeti mais devagar — mas ainda não acabei com Kalona. O que hei de fazer, Avó?

A Avó pôs a minha mão nas suas e apertou-a.

— Como disseste, segues o teu próprio caminho. E neste momento esse caminho leva-te a uma cama macia e quente e um *dia* inteiro a dormir.

— Uma crise de cada vez?

— Uma *coisa* de cada vez — corrigiu ela.

— E já é tempo de a Sylvia seguir o seu próprio conselho — disse a Irmã Mary Angela quando entrou no quarto com um copo de água numa mão e comprimidos na outra.

A Avó fez um sorriso cansado para a freira e aceitou os comprimidos. Reparei que as mãos lhe tremiam quando os colocou na língua e bebeu a água.

— Avó, vou deixar-te descansar agora.

— Adoro-te, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Hoje triunfaste.

— Não teria conseguido sem ti. Também te adoro, Avó. — Inclinei-me, dei-lhe um beijo na testa e, quando ela fechou os olhos e se recostou nas almofadas com um sorriso satisfeito, saí do quarto atrás da Irmã Mary Angela e comecei a disparar perguntas assim que chegámos ao corredor.

— Encontrou quartos para todos? Os iniciados vermelhos estão bem? Faz ideia se a Stevie Rae conseguiu que o Erik e o Heath e sei lá mais quem verificassem a área em torno da abadia? Está tudo seguro lá fora?

A Irmã Mary Angela levantou a mão para deter a minha torrente de palavras.

— Filha, respira fundo e deixa-me falar.

Abafei um suspiro mas consegui ficar calada enquanto a seguia pelo corredor fora, e ela explicava que, junto com as freiras, instalara uma zona acolhedora de camaratas na cave para os iniciados vermelhos, depois de Stevie Rae lhe dizer que ficariam muito mais confortáveis lá. A minha malta estava no andar de cima em quartos de visitas, e sim, os miúdos tinham visto que estava tudo livre de Zomba-Corvos lá fora.

— Sabe, a irmã é mesmo incrível. — Sorri-lhe quando parámos à porta de um quarto fechado ao fundo de um corredor muito comprido. — Obrigada.

— Sou serva de Nossa Senhora e não tens de quê — disse ela com simplicidade, e abriu-me a porta. — Esta é a escada que desce até à cave. Disseram-me que a maioria dos miúdos já lá se encontra.

— Zoey! Cá estás tu. Tens de vir ver isto. Não vais acreditar no que a Stevie Rae fez — anunciou Damien, e subiu apressadamente as escadas na nossa direção.

Senti um aperto no estômago.

— O que foi? — Comecei logo a descer ao encontro dele. — O que se passa?

Ele sorriu-me. — Não se passa nada. É incrível. — Damien pegou-me na mão e puxou-me com ele.

— Nisso o Damien tem razão — disse a Irmã Mary Angela, e desceu atrás de nós. — Mas parece-me que incrível não é o termo certo.

— O termo certo é mais tipo terrível ou horrível? — Perguntei.

Ele apertou-me a mão. — Para de te afligires tanto. Venceste Kalona e Neferet esta noite; vai correr tudo bem.

Apertei-lhe a mão também e obriguei-me a sorrir e a fazer um ar menos aflito, embora soubesse, no mais fundo do meu coração, da minha alma, que o que acontecera naquela noite não fora um fim, nem sequer uma vitória. Fora um começo terrível, horrível.

— Ena! — Olhei em redor, chocada, incrédula.

— É mais ena ao quadrado — corrigiu Damien.

— A Stevie Rae fez isto?

— Foi o que o Jack me contou — respondeu Damien. Estávamos os dois ao lado um do outro a tentar lobrigar algo na escuridão da terra acabada de escavar.

— É arrepiante. — Pensei alto.

Damien lançou-me um olhar estranho.

— O que queres dizer?

— Bem — calei-me, sem saber bem o que queria dizer, embora o túnel me fizesse sentir mesmo arrepiada.

— Hum, é... *mesmo escuro*.

Damien riu-se. — Claro que é escuro. Tem de ser escuro. É um buraco no chão.

— A mim parece-me mais natural do que um buraco no chão — atalhou a Irmã Mary Angela e juntou-se a nós na boca do túnel, a espreitar também naquela extensão negra. — Por qualquer razão, conforta-me. Talvez seja o odor.

Os três farejámos o ar. Cheirou-me a, bem, *terra*. Mas Damien disse:

— Cheira a saúde e a abundância.

— Como um campo acabado de lavar — anuiu a freira.

— Vês, não é arrepiante, Z. De certezinha que eu me esconderia ali num tornado — afirmou Damien.

Sentindo-me demasiado sensível e algo tolinha, exalei fundo e es-

preitei o túnel, a tentar ver com novos olhos e sentir com instintos mais apurados.

— Posso usar a sua lanterna um segundo, Irmã?

— Com certeza.

A Irmã Mary Angela passou-me a lanterna grande, quadrada e profissional que levava consigo da cave para aquela secção lateral a que chamara a adega. A tempestade de gelo que isolara Tulsa nos últimos dias cortara a eletricidade da abadia — bem como da maioria da cidade. Ali tinham realmente geradores a gás, pelo que a parte principal do edifício tinha algumas luzes elétricas acesas, mais as montanhas de velas que as freiras adoravam, mas não tinham desperdiçado eletricidade na adega, e a única iluminação vinha da lanterna da freira. A qual apontei para o buraco no chão.

O túnel não era muito grande. Se eu abrisse os braços, conseguiria tocar-lhe em ambos os lados. Olhei para cima. Apenas cerca de trinta centímetros acima da cabeça. Tornei a farejar, a tentar encontrar a sensação de conforto que a freira e Damien obviamente sentiam. Franzi o nariz. Tresandava a negrume e humidade, raízes e coisas que tinham sido mexidas. Eu desconfiava que essas *coisas* rastejavam e deslizavam, o que me deixou toda trémula e arrepiada também.

Depois dei um abanão mental a mim mesma. Porque é que um túnel na terra me pareceria tão asqueroso? Eu tinha afinidade com a terra. Sabia conjurá-la. Não deveria ter medo dela.

Cerrei os dentes e dei um passo para o túnel. Depois outro. E mais outro.

— Ouve, Z, não te afastes. Tu tens a única luz, e eu não quero que a Irmã Mary Angela fique aqui às escuras. Ela pode assustar-se.

Abanei a cabeça e, a sorrir, virei-me e apontei a lanterna para a entrada e a cara preocupada de Damien e o rosto sereno da Irmã Mary Angela.

— Não queres que a *irmã* tenha medo do escuro?

Damien mexeu-se com ar culpado.

A Irmã Mary Angela pôs-lhe a mão no ombro por momentos.

— É atencioso da tua parte, Damien, mas não tenho receio do escuro.

Estava eu a lançar a Damien um olhar que dizia *não sejas caguinchas* quando a sensação me atingiu. O ar atrás de mim mudou. Soube que já não estava sozinha no túnel. O medo subiu-me pela espinha acima e tive uma vontade indómita de fugir — de sair dali o mais depressa que pudesse e nunca, nunca, mais lá voltar.

E quase fugi. Depois fiquei admirada por me sentir zangada. Eu aca-

bara de enfrentar um ser imortal caído em desgraça — uma criatura a que eu estava ligada no mais fundo da minha alma — e não fugira.

Não ia fugir naquele momento.

— Zoey? O que se passa? — A voz de Damien parecia longe quando me virei para enfrentar a escuridão.

De súbito, uma luz trémula, como o olho luzidio de um monstro subterrâneo, materializou-se. A luz não era grande, mas brilhava, fez-me ver manchas temporárias e cegou-me em parte, a ponto de me parecer que o monstro tinha três cabeças, uma cabeleira selvagem e ondulante, e ombros que pareciam díspares e grotescos.

Depois fiz o que qualquer miúda com juízo faria. Sorvi ar e soltei o melhor grito de rapariga que pude, instantânea e sinistramente reproduzido pelas três bocas do monstro só com um olho. Ouvi Damien a guinchar atrás de mim, e juro que a Irmã Mary Angela até abafou uma exclamação sobressaltada. Ia começar a fazer o que acabara de prometer a mim mesma que não faria — fugir desalmadamente, quando uma das cabeças parou de gritar e avançou para a luz da lanterna.

— Merda, Zoey! O que se passa contigo? Sou eu e as Gémeas. Íamo-nos borrando de susto — era Afrodite.

— Afrodite? — Levei a mão ao coração a tentar que ele não me saltasse do peito.

— Claro que sou eu — disse ela, e passou por mim em passo de marcha com ar zangado. — Pela Deusa! Controla-te.

As Gémeas ainda estavam especadas no túnel. Erin tinha na mão um círio grosso que apertava com tanta força a ponto de ter os nós dos dedos brancos. Shaunee estava a seu lado, tão perto que os ombros delas não se distinguiam. Elas pareciam paralisadas e tinham os olhos arregalados.

— Hum, olá — disse eu. — Não sabia que vocês andavam aqui.

Shaunee descongelou primeiro.

— Não me digas? — E passou uma mão trémula delicadamente pela testa antes de se virar para Erin. — Gémea, ela pôs-me branca de susto?

Erin piscou os olhos para ver a sua Amiguinha do Peito.

— Não me parece possível. — E semicerrou os olhos para Shaunee. — E não. Ainda és linda da cor do capucino. — A mão de Erin que não segurava na vela passou para a sua cabeleira espessa e loura e tateou-a freneticamente.

— Ela fez-me cair o cabelo ou ficar feio e prematuramente branco? Fiz má cara às Gémeas.

— Erin, o teu cabelo não caiu *nem* ficou branco, e Shaunee, não po-

des ficar branca de susto. Credo, vocês assustaram-me *a mim* primeiro — disse eu.

— Ouve, da próxima vez que tiveres de escorraçar a Neferet e o Kalona, basta gritares assim — disse Erin.

— Pois, dá a impressão que perdeste o juízo todo — disse Shaunee, e passaram juntas por mim.

Fui atrás delas para a adega onde Damien se abanava e ainda parecia mais gay do que de costume, e a Irmã Mary Angela acabara de se benzer. Pus a lanterna de pé em cima de uma mesa atulhada de coisas dentro de boiões de vidro que pareciam fetos a boiarem feericamente naquela luz turva.

— Então, a sério, o que estavam ali a fazer? — Perguntei.

— O Dallas disse-nos que foi assim que eles saíram do depósito — respondeu Shaunee.

— Disse que era fixe cá em baixo e que a Stevie Rae é que o tinha feito — acrescentou Erin.

— Pelo que achámos por bem vir cá abaixo ver também — rematou Shaunee.

— E porque é que vieste com as Gémeas? — Perguntei a Afrodite.

— O Duo Dinâmico precisava de proteção. É natural que se tenham virado para mim.

— Como é que apareceram assim de repente do nada? — Perguntou Damien antes que as Gémeas se armassem em quezilentas.

— Foi canja. — Erin desceu rapidamente um bocado do túnel, ainda de vela na mão. Virou-se para nós quando estava a poucos metros de onde eu chegara.

— O túnel aqui vira à esquerda num cotovelo. — Ela deu um passo ao lado e a luz desapareceu, depois ela voltou e a luz também. — Por isso é que só nos vimos no último momento.

— É realmente espantoso que a Stevie Rae tenha feito isto, sei lá como — comentou Damien. Reparei que ele não avançava para o túnel, que ficava perto da lanterna.

A Irmã Mary Angela aproximou-se da entrada. Tocou na parede acabada de escavar com reverência e disse:

— A Stevie Rae fez isto, mas foi com intervenção divina.

— «Intervenção divina» é como a Irmã dizer que a sua Virgem Maria é apenas outra versão de Nyx? — Uma voz com o sotaque cerrado de Stevie Rae, vinda do outro lado da adega, assustou-nos a todos.

— Sim, minha filha. É isso exatamente.

— Não quero ofendê-la, mas essa é a coisa mais esquisita que já ouvi

— declarou Stevie Rae. Veio ter connosco, e achei-a pálida. Quando se aproximou de mim, senti um cheiro estranho, mas o sorriso dela transformou-lhe o rosto no da pessoa fofa do costume.

— Z, aquele grito esganiçado foste tu?

— Hum, fui. — Não pude deixar de lhe sorrir também. — Estava dentro do túnel e não esperava deparar com as Gémeas e Afrodite.

— Pois, faz sentido. A Afrodite é um bocadinho bicha-papona — disse Stevie Rae.

Ri-me e depois, aproveitando para mudar de assunto, perguntei:

— A propósito de bichos-papões, encontraram alguns Zomba-Corvos lá em cima?

Stevie Rae desviou os olhos.

— É seguro. Não tens nada com que te ralar — respondeu rapidamente.

— Ainda bem — atalhou a Irmã Mary Angela. — Aquelas criaturas eram uma abominação — homem e animal misturados. — Ela estremeceu. — Estou aliviada que estejamos livres deles.

— Mas a culpa não era deles — disse Stevie Rae abruptamente.

— Como? — A freira parecia mais do que confusa perante o tom defensivo de Stevie Rae.

— Não pediram para nascer daquela maneira — todos misturados por causa de violações e maldades. Eram vítimas, na verdade.

— Não tenho pena deles — disse eu, a pensar porque é que pareceria que Stevie Rae estava a defender os asquerosos Zomba-Corvos.

Damien estremeceu. — Temos de falar deles?

— Não, não temos nada — respondeu Stevie Rae rapidamente.

— Ótimo, e seja como for, eu só trouxe a Zoey cá abaixo para lhe mostrar o túnel que tu fizeste, Stevie Rae. Deixa-me que te diga — é espantoso.

— Obrigada, Damien! Foi muito fixe quando descobri que o conseguia fazer. — Stevie Rae deu uns passos além de mim rumo à boca do túnel, onde ficou instantaneamente rodeada por uma escuridão total que se estendia atrás dela como as entranhas de uma enorme cobra de ébano. Esticou os braços e encostou as palmas das mãos às paredes de terra do túnel. De súbito, fez-me lembrar uma cena do filme *Sansão e Dalila*, um clássico que eu vira com Damien há cerca de um mês. A imagem que me veio à cabeça foi quando Dalila leva um Sansão cego para o meio de dois pilares maciços que sustentavam o estádio cheio de gente horrorosa a escarnecer dele. Sansão recupera a sua força mágica e acaba por derrubar os pilares e se destruir a si próprio e a...

— Não é assim, Zoey?

— Hã? — Pestanejei, abalada pela cena triste e destrutiva que revivera na minha cabeça.

— Dizia eu que Maria não moveu a terra para mim quando fiz o túnel; foi o poder que Nyx me deu. Credo, não me estás a ligar nenhuma — disse Stevie Rae. Tirara as mãos das paredes do túnel e olhava para mim como quem diz *o que se passa na tua cabeça?*

— Desculpa, o que é que disseste de Nyx?

— Apenas que não acho nada que Nyx e a Virgem Maria tenham alguma coisa a ver uma com a outra; a mãezinha de Jesus não me ajudou nada a mover a terra para fazer este túnel. — Stevie Rae encolheu um ombro. — Não quero melindrá-la nem nada, Irmã, mas é a minha opinião.

— Tens direito à tua opinião, Stevie Rae — disse a freira, com a calma do costume. — Mas devias saber que dizer que não se acredita em algo não impossibilita que algo exista.

— Pois tenho andado a pensar nisso, e pessoalmente não me parece uma hipótese assim tão descabida — afirmou Damien. — Não te esqueças que, no *Manual do Iniciado*, Maria é uma das muitas faces de Nyx.

— Hum — disse eu. — A sério?

Damien lançou-me um olhar severo que dizia claramente *devias realmente ser melhor aluna* antes de assentir, e continuar na sua voz de mestre-escola.

— Sim. Está bem documentado que, durante a incursão do Cristianismo na Europa, se converteram santuários a Gaia, bem como a Nyx, em lugares de culto mariano muito antes de o povo se converter à nova...

O tom monocórdico de Damien era um ruído de fundo calmante quando espreitei outra vez para o túnel. A escuridão era funda e espessa. Centímetros atrás de Stevie Rae, já não se via nada. Podia haver *algo* ou alguém escondido a poucos metros de nós e só sabermos se quisesse ser visto. E isso assustava-me.

Pronto, mas que estupidez! Disse para mim própria. *É apenas um túnel.* Mesmo assim, o medo irracional não me largava, o que, infelizmente, me deu vontade de contra-atacar. Por conseguinte, como qualquer louca burra num filme de terror, dei um passo rumo à escuridão. E depois outro.

O negrume engoliu-me.

Na minha cabeça, sabia que estava a pouquíssimos metros da adega e dos meus amigos. Ainda ouvia Damien a tagarelar sobre religião e a Deusa. Mas era no peito que eu sentia um medo avassalador. O meu coração, o meu espírito, a minha alma — chamem-lhe o que quiserem — gritava emudecido: *Foge! Sai daí! Foge!*

Senti a pressão da terra como se não fosse um buraco aberto no chão, mas sim cheio e a cobrir-me... a sufocar-me... a encurralar-me.

Respirava cada vez mais depressa. Sabia que devia estar a arquejar, mas não conseguia parar. Queria afastar-me do buraco que serpenteava rumo à escuridão, mas só consegui cambalear um passo atrás. Não conseguia obrigar os pés a fazerem o que lhes mandava! Vi pontinhos de luz dentro dos olhos, a cegarem-me, e tudo o resto começou a desvanecer-se em tons de cinzento. Depois senti-me cair... cair...



QUINTO CAPÍTULO

Zoey

A escuridão não amainava. Cegava-me mais do que a vista, apagava-me todos os sentidos. Pareceu-me que estava a tentar respirar e que agitava os braços, a tentar encontrar algo — algo em que pudesse tocar, que pudesse ouvir, cheirar — algo que me prendesse à realidade. Mas eu não conseguia sentir nada. Só reconhecia o casulo de negrume e o bater do meu coração frenético.

Estará morta?

Não, não me parecia. Lembrava-me de estar no túnel por baixo da Abadia Beneditina, a poucos metros dos meus amigos. Estava apavorada com a escuridão, mas isso não poderia ter-me matado.

Mas tinha medo. Lembro-me de ter muito medo.

Depois não houvera nada além desta escuridão.

O que me acontecera? Nyx! Gritava a minha mente. Socorro, Deusa! Por favor mostra-me uma luz!

— Escuta com a tua alma...

Pareceu-me que gritava alto para a voz doce e reconfortante da Deusa dentro da minha cabeça, mas quando as palavras dela se foram, só ficou o silêncio e o negrume implacáveis.

Como raio havia de escutar com a minha alma?

Tentei acalmar-me e ouvir algo, mas só havia silêncio — negro, vazio, devorador, como eu jamais sentira. Não tinha nada que me orientasse ali, só reconhecia...

Apercebi-me do que era e a minha cabeça ficou abalada com essa percepção.

Eu tinha algo para me orientar. Parte de mim já sentira aquela escuridão.

Não via nada. Não sentia nada. Não podia fazer nada senão virar-me para dentro, demandar a parte de mim que poderia dar sentido àquilo, que me poderia orientar dali para fora.

A lembrança tornou a agitar-se, dessa vez levando-me muito antes do momento no túnel da abadia. Os anos desvaneceram-se com a minha resistência até que finalmente, finalmente, voltei a sentir.

Os sentidos voltaram paulatinamente. Comecei a ouvir mais do que o próprio pensamento. Havia uma batida de tambores em meu redor, e nela perpassava o rumor de vozes femininas distantes. O olfato voltou e reconheci o cheiro húmido que o túnel da abadia me fizera lembrar. Por fim, consegui sentir a terra contra as minhas costas nuas. Tive apenas um instante para filtrar a avalanche do regresso dos sentidos antes de me aperceber de tudo e despertar com o choque. Não estava sozinha! Tinha as costas contra a terra, mas estava bem agarrada pelos braços de alguém.

Depois ele falou.

— Oh, Deusa, não! Não deixes que isto aconteça!

Era a voz de Kalona, e a minha reação imediata foi gritar e fugir cegamente para longe dele, mas não mandava no meu corpo e as palavras que me saíram da boca não eram minhas.

— Sossega, não desesperes. Estou contigo, meu amor.

— Tu ludibriaste-me! — Mesmo quando ele gritou a acusação, os seus braços apertaram-me, e reconheci a paixão fria do seu abraço imortal.

— Eu salvei-te — retorquiu a minha estranha voz, e o meu corpo instalou-se mais intimamente contra o dele. — Não foste feito para andar neste mundo. Por isso é que tens sido tão infeliz, tão insaciável.

— Não tive escolha! Os mortais não compreendem.

Os meus braços rodearam-lhe o pescoço. Os meus dedos enrolaram-se no seu cabelo sedoso e pesado.

— Compreendo. Fica em paz aqui comigo. Abandona a tua inquietude triste. Eu consolo-te.

Senti a rendição dele antes de as palavras lhe saírem.

— Sim — murmurou Kalona. — Vou sepultar a minha tristeza em ti e esgotarei finalmente o anseio desesperado que sinto.

— *Sim, meu amor, meu consorte, meu Guerreiro... sim...*

Foi nesse momento que me perdi dentro de A-ya. Não sabia distinguir onde terminava o desejo dela e começava a minha alma. Se ainda tivesse escolha, não a queria. Só sabia que estava onde era o meu destino — nos braços de Kalona.

As asas dele cobriram-nos, impedindo que o gelo do toque dele me queimasse. Os lábios dele encontraram os meus. Explorámo-nos lenta e vagorosamente, com maravilhamento e rendição. Quando os nossos corpos se começaram a mover juntos, eu soube o que era a alegria mais genuína.

E nisto, de súbito, comecei a dissolver-me.

— *Não!* — *O grito foi-me arrancado da garganta e da alma. Não queria sair dali! Queria ficar com ele. O meu lugar era com ele!*

Porém, e mais uma vez, não era eu quem mandava, e senti-me desvanecer, fundir-me na terra, enquanto A-ya soluçava, a sua voz alquebrada a repercutir uma palavra na minha cabeça: RECORDA-TE...

A bofetada ardia-me na face, e o ar que sorvi clareou o que restava da escuridão na minha cabeça. Abri os olhos e a luz da lanterna fez-me semicerrá-los e pestanejar.

— Eu recordo-me. — A minha voz parecia enferrujada, e a minha cabeça também.

— Recordas-te de quem és, ou tenho que te bater outra vez? — Era Afrodite.

A minha mente funcionava devagar porque ainda gritava *não* por ser arrancada à escuridão. Pestanejei outra vez e abanei a cabeça, a tentar desanuviá-la.

— Não! — Gritei com tanta emoção que Afrodite se afastou logo de mim.

— Pronto — disse ela. — Podes agradecer-me depois.

A Irmã Mary Angela tomou o lugar dela, debruçada sobre mim e a tirar-me o cabelo da cara, suada e fria.

— Zoey, estás connosco?

— Estou — respondi, ainda em voz alquebrada.

— Zoey, o que se passa? O que te fez perder o fôlego? — Perguntou a freira.

— Não estás a sentir-te mal, pois não? — A voz de Erin estava algo trémula.

— Não tens vontade de cuspir um pulmão ou coisa assim? — Perguntou Shaunee, com um ar tão perturbado quanto a voz da sua gémea.

Stevie Rae afastou as Gémeas para poder chegar a mim.

— Fala comigo, Z. Estás mesmo bem?

— Estou ótima. Não estou a morrer nem nada disso. — Já tinha o pensamento organizado, embora não conseguisse sacudir os últimos vestígios do desespero que sentira enquanto A-ya. Sabia que os meus amigos receavam que o meu corpo estivesse a rejeitar a Mudança. Obriguei-me a focar o presente e estendi a mão para Stevie Rae.

— Ajuda-me a levantar. Já me sinto melhor.

Stevie Rae pôs-me de pé, com o cuidado de me segurar o cotovelo, pois tive dificuldade em recobrar o equilíbrio.

— O que te aconteceu, Z? — Perguntou Damien, a observar-me.

O que deveria dizer? Deveria admitir perante os meus amigos que tivera uma rememoração incrivelmente vívida de uma vida passada em que me entregara ao nosso inimigo do presente? Ainda nem sequer tivera tempo de passar pelo labirinto de emoções novas que essa rememoração me causara. Como é que ia explicar isso aos meus amigos?

— Conta-nos, filha. A verdade falada é sempre menos pavorosa do que a suposição — disse a Irmã Mary Angela.

Suspirei e balbuciei:

— O túnel meteu-me medo!

— Medo? Como se houvesse lá alguma coisa? — Damien parara finalmente de olhar para mim e espreitava a abertura negra, todo nervoso.

— Não, não há lá nada. — Hesitei. — Pelo menos não me parece. Seja como for, não foi isso que me meteu medo.

— Não estás à espera que acreditemos que desmaiaste por causa da escuridão, pois não? — Perguntou Afrodite.

Todos olharam para mim.

Pigarreei.

— Oh, minha gente, talvez a Zoey não queira falar sobre isso — alvitrou Stevie Rae.

Olhei para a minha melhor amiga e apercebi-me de que, se não dissesse nada sobre o que me acontecera ali, não poderia enfrentar o que precisava de saber dela.

— Tens razão — disse para Stevie Rae. — Não quero falar sobre isso, mas vocês merecem ouvir a verdade. — Olhei para o resto do grupo.

— Aquele túnel meteu-me medo porque a minha alma reconheceu-o. — Pigarreei e continuei:

— Recordei-me de estar encurralada na terra com Kalona.

— Isso aconteceu por haver parte da A-ya dentro de ti? — Perguntou Damien baixinho.

Assenti. — Eu sou eu, mas também sou, de algum modo, parte dela.

— Interessante... — Damien soltou um longo suspiro.

— Mas que raio significa isso para ti e para Kalona no presente? — Perguntou Afrodite.

— Sei lá! Sei lá! Sei lá! — Exclamei, o stresse e a confusão do que me acabara de acontecer a ferverem dentro de mim. — Não tenho respostas nenhuma, raio! Só tenho a lembrança e tempo nenhum para refletir nela. E se vocês me dessem margem de manobra e me deixassem descortinar a trapalhada que me vai na cabeça?

Toda a gente arrastou os pés e murmurou *está bem*, mas a olharem para mim como quem diz *ela perdeu a cabeça*. Não liguei aos meus amigos boquiabertos, nem às perguntas sem resposta sobre Kalona que quase se viam no ar em meu redor, e virei-me para Stevie Rae.

— Explica-me exatamente como fizeste o túnel.

Vi pela interrogação nos seus olhos azuis que o meu tom a deixava ralada. O que eu dissera não se parecia algo como «Caraças! Acabei de desmaiar e tenho de mudar de assunto, pois tenho vergonha de ser uma miúda re-encarnada». Eu falara como uma Sumo-Sacerdotisa.

— Bom, não foi nada de especial. — Stevie Rae parecia nervosa e pouco à vontade, como que a esforçar-se por soar desprendida, quando não se sentia nada assim. — Mas tu estás mesmo bem? Não era melhor irmos lá acima para beberes uma cola ou coisa assim? Quer dizer, se este sítio te traz recordações, parece melhor falarmos noutro lado.

— Estou bem. Neste momento só quero saber do túnel. — Olhei-a firmemente. — Conta-me lá como o fizeste.

Senti que os outros miúdos, bem como a Irmã Mary Angela, nos olhavam com um misto de curiosidade e perplexidade, mas continuei concentrada em Stevie Rae.

— Sabes que os túneis do tempo da Lei Seca estão praticamente por todo o lado debaixo dos prédios da baixa, não sabes?

Assenti. — Sei.

— E lembras-te de te contar que andei a fazer buscas por minha conta e risco para ver onde iam dar?

— Sim, lembro-me.

— Pronto, encontrei aquela entrada meio encoberta de que o Ant falou a toda a gente no outro dia — aquele túnel que sai dos outros por baixo do Edifício Philtower e tal. — Tornei a assentir, impaciente.

— Bom, estava cheio de terra, mas quando apalpei um buraco

que havia no meio, derrubei um bocadão de terra, meti o braço e senti ar fresco. O que me fez pensar que devia haver mais túnel do outro lado. Empurrei, com o pensamento e as mãos e o meu elemento. E a terra deu de si.

— Deu de si? Tremeu ou coisa assim? — Perguntei.

— Foi mais mexer-se. Como se eu quisesse. Na minha cabeça. —

Pausa. Depois Stevie Rae continuou:

— É difícil explicar, mas a terra que tapava o túnel acabou por desabar e eu entrei numa abertura nova e maior que dava para um túnel mesmo, *mesmo* antigo.

— E esse túnel antigo era escavado na terra, não tinha cimento como os túneis debaixo do depósito da baixa? — Perguntou Damien.

Stevie Rae sorriu e assentiu, e os seus caracolinhos louros balouçaram-lhe nos ombros.

— Pois! E em vez de ir para a baixa apontava para outra zona.

— E vinha até aqui? — Tentei calcular na minha cabeça quantos quilómetros, e não consegui fazer as contas. Claro que sou uma aselha a Matemática mas, fosse como fosse, era longe.

— Não. Aconteceu que, assim que encontrei o túnel de terra e o abri mais ou menos, comecei a explorar. Começa debaixo do Edifício Philto-
wer. Achei esquisito mas muito fixe que se afastasse da baixa.

— Como é que percebeste isso? — Interrompeu Damien. — Como é que adivinhaste a direção a seguir?

— Para mim, é canja! Sei sempre onde é o norte, a direção do meu elemento. Assim que o encontro, posso encontrar qualquer coisa.

— Hum — disse ele.

— Continua — pedi. — E depois?

— Depois acabou-se. Não havia mais. Antes de me dares o bilhete sobre nos encontrarmos aqui nas Irmãs, eu também não tinha explorado mais. Quer dizer, claro que fazia tenções de voltar e ver mais depois, mas não era prioritário. Quando me disseste que talvez tivesse de trazer os miúdos para cá, não consegui deixar de pensar no túnel de terra. Lembrei-me de que vinha nesta direção antes de acabar. Portanto, voltei lá. Pensei na direção que queria seguir e desejei que o túnel viesse para cá. Depois tornei a empurrar, como fizera na outra abertura, mas com mais força. Nisto, bem, *zás catrapás*, a terra fez o que eu lhe mandava, e cá estamos! *Charan!*

— Stevie Rae terminou com um grande sorriso e uma vénia.

No silêncio que se seguiu à explicação de Stevie Rae, a voz da Irmã Mary Angela soou completamente normal e razoável, o que me fez adorá-la ainda mais.

— Notável, não é? Stevie Rae, eu e tu podemos discordar quanto à origem do teu dom, mas não deixo de admirar a vastidão dele.

— Obrigada, Irmã! Eu também a acho admirável, especialmente para uma freira.

— Como é que conseguias ver lá em baixo? — Perguntei.

— Bom, não me custa nada ver no escuro, mas os outros miúdos não são assim tão bons, pelo que trouxemos lamparinas dos túneis do depósito. — Stevie Rae apontou para umas lamparinas a óleo que eu ainda não vira nos cantos da adega.

— Mesmo assim, foi um esticão — comentou Shaunee.

— Põe esticão nisso. Tanta escuridão deve ter feito arrepios — disse Erin.

— Ná, a terra não me causa arrepios, nem aos iniciados vermelhos. — Stevie Rae encolheu os ombros. — Como já disse, não foi nada de especial. Aliás, foi canja.

— E conseguiste trazer todos os iniciados vermelhos para cá em segurança? — Perguntou Damien.

— Consegui!

— Quais todos? — Perguntei.

— O que queres dizer, quais todos? Isso não faz sentido nenhum, Z — contrapôs ela. — Trouxe todos os iniciados vermelhos que já conheces, mais o Erik e o Heath. Estás a falar de mais quem? — As palavras dela pareciam normais, mas ela terminou-as com um risinho estranho e nervoso e não me conseguiu encarar.

Senti um aperto no estômago. Stevie Rae *ainda* me andava a mentir. E eu não sabia o que fazer quanto a isso.

— Creio que a Zoey deve estar confusa por estar esgotada, como seria de esperar depois do que passou esta noite. — A mão quente da Irmã Mary Angela no meu ombro pareceu-me reconfortante, como a sua voz. — Estamos todos cansados — acrescentou ela, e sorriu para Stevie Rae, as Gémeas, Afrodite e Damien. — Não falta muito para a alvorada. Vamos tratar de os instalar com o resto dos amigos. Durmam. Tudo parecerá mais límpido depois de descansarem.

Assenti com ar cansado e deixei que a Irmã Mary Angela nos fizesse sair das profundezas da adega, pela escada acima por onde havíamos descido não há muito. Porém, em vez de continuar para o corredor da abadia, a freira abriu uma porta no patamar, em que eu não reparara quando descera a escada a correr atrás de Damien. Havia outra escadilha para a cave principal, uma cave grande mas de betão normal, que as freiras tinham remodelado de lavanderia para dormitório temporário.

Havia um monte de camas ao longo de duas paredes opostas, com mantas e almofadas e ar acolhedor. Numa das camas, via-se o vulto de um miúdo, e a melena de cabelo ruivo que saía das mantas puxadas quase acima da cabeça indicou-me ser onde Elliott se deitara. O resto dos iniciados vermelhos amontoava-se na zona de lavagem e secagem; estavam sentados naquelas cadeiras metálicas dobráveis que me arrefecem sempre o rabo, a olhar para uma televisão de ecrã plano empoleirada numa das máquinas de lavar roupa. Muitos bocejavam, ou seja, o Sol devia estar quase a nascer, mas pareciam hipnotizados pelo que estava a dar na televisão. Olhei para o ecrã e senti a minha cara cansada abrir-se num sorriso.

— *Música no Coração?* Eles estão a ver *Música no Coração?* — E ri-me.

A Irmã Mary Angela olhou-me de sobranceira erguida.

— É um dos nossos DVD favoritos. Pareceu-me que os iniciados também apreciariam.

— É um clássico — comentou Damien.

— Eu achava aquele miúdo nazi giro — disse Shaunee.

— Só que ele denuncia os Von Trapps — disse Erin.

— Ela devia ter batido nos sacanas dos putos mimados — disse Kramisha do seu lugar à frente da televisão. Olhou por cima do ombro e fez um sorriso cansado para a Irmã Mary Angela.

— Desculpe os «sacanas», Irmã, mas os putos são uns mimados.

— Só precisavam de afeto e atenção e compreensão, como todas as crianças — disse a Irmã.

— Pronto. Ainda vomito, a sério — disse Afrodite — antes que vocês comecem a cantarolar «Como Resolver o Problema que é a Maria?» e eu tiver de abrir os meus pulsos tenrinhos, vou à procura do Dário e do meu quarto. — Afrodite mexeu as sobranceiras sugestivamente e começou a sair da cave.

— Afrodite — chamou a Irmã Mary Angela. Quando esta parou e se virou para ela, a freira continuou. — Imagino que Dário ainda esteja com Stark. Não faz mal ir desejar-lhe boa noite, mas o quarto da menina fica no quarto andar — vai dividi-lo com a Zoey e não com o guerreiro.

— Humpf — disse eu baixinho.

Afrodite revirou os olhos. — Porque será que isso não me admira nada? — E foi-se embora, ainda a resmungar.

— Desculpa, Z — disse Stevie Rae depois de revirar os olhos nas costas de Afrodite. — Não me importava nada de dividir o quarto contigo, mas acho que devo ficar cá em baixo. Estar debaixo de terra faz-me mes-

mo sentir melhor quando o Sol nasce, e tenho de ficar perto dos iniciados vermelhos.

— Não faz mal — disse eu, depressa de mais. *Mau, agora nem sequer queria ficar sozinha com a minha Amiguinha do Peito?*

— Os outros ainda estão todos lá em cima? — Perguntou Damien. Vi-o olhar em redor, e de certezinha que estava à procura de Jack.

Eu, por outro lado, não estivera à procura de *nenhum* dos meus namorados. Aliás, depois daquela exibição estúpida e cheia de testosterona, cada vez me parecia mais que era bem melhor não ter namorado nenhum.

E depois havia Kalona e a lembrança que eu desejava nunca ter tido.

— Pois, os outros estão lá em cima no refeitório ou já deitados. A Terra chama Zo! Olha só para isto. As freiras têm uma variedade espantosa de *Doritos*, e até encontrei cola para ti — cheia de caféina e açúcar — era Heath, a saltar os três últimos degraus até à cave.



SEXTO CAPÍTULO

Zoey

Obrigada, Heath. — Reprimi um suspiro quando Heath veio ter comigo, a sorrir, e me ofereceu *Doritos* de queijo e uma lata de cola.

— Z, se estiveres mesmo bem, eu queria ir à procura do Jack e ver se a *Duquesa* está bem, e depois queria dormir, assim tipo, um bocadinho para sempre — disse Damien.

— Na boa — disse eu depressa, pois não queria que Damien contasse nada da minha lembrança de A-ya ao Heath.

— Onde está o Erik? — Perguntou Stevie Rae ao Heath, enquanto eu engolia a lata de cola.

— Ainda está lá fora armado em rei do castelo.

— Encontraram alguma coisa depois de eu me vir embora? — A voz de Stevie Rae ficou, de repente, tão aguda que alguns dos iniciados vermelhos deixaram de ver Maria e os Von Trapps a cantarem «As Minhas Coisas Preferidas».

— Não, ele é um chato e anda só a ver o que eu e o Dallas já vimos.

Dallas levantou a cabeça de onde estava à frente da televisão quando ouviu o seu nome.

— Está tudo fixe lá fora, Stevie Rae.

Stevie Rae fez sinal a Dallas que se aproximasse, e ele veio logo ter connosco. Ela baixou a voz e mandou:

— Conta-me tudo.

— Já te contei lá fora antes de vires para cá — disse Dallas, os olhos de volta à televisão e aos pôneis cor de creme... à tarte de maçã estaladiça...

Stevie Rae deu-lhe uma palmada no braço.

— Toma atenção, sim? Já não estou lá fora. Estou aqui, agora. Conta-me lá *outra vez*.

Dallas suspirou, deu-lhe toda a atenção e fez-lhe um sorriso fofo e indulgente.

— Pronto, pronto. Mas só porque pediste com jeitinho. — Stevie Rae fez-lhe má cara e ele continuou:

— O Erik, o Johnny B, e aqui o Heath — calou-se e acenou com a cabeça para mim e para o Heath — e eu procurámos tudo como nos diseste, o que não foi nada fixe porque está tudo cheio de gelo escorregadio e um frio do caraças. — Pausa. Stevie Rae olhou-o em silêncio até que ele continuou. — Seja como for, *e como tu já sabes*, fizemos isso enquanto tu procuravas na Rua 21. Ao fim de um bocado, encontrámo-nos todos na gruta. Foi quando te contámos que encontrámos aqueles três corpos na esquina da Lewis com a 21. Mandaste-nos tratar disso. Depois vieste-te embora. Fizemos o que tu mandaste, e depois eu, o Heath e o Johnny B viemos para dentro para secar, comer e ver TV. Quer parecer-me que o Erik ainda lá anda à procura.

— Mas porquê? — A voz de Stevie Rae continuava aguda.

Dallas encolheu os ombros.

— Pode ser que o Heath tenha razão, que ele seja um chato.

— Corpos? — Perguntou a Irmã Mary Angela.

Dallas assentiu. — Pois, encontrámos três Zomba-Corvos mortos. O Dário matou-os a tiro, caíram do céu e tinham buracos de balas.

A Irmã Mary Angela falou mais baixo.

— E o que fizeram às criaturas mortas?

— Pusemo-las nos contentores do lixo por detrás da abadia como a Stevie Rae disse. Está um gelo lá fora. Eles não se decompõem. E não vai haver camiões do lixo por algum tempo, com o gelo e tudo. Achámos que podiam lá ficar até decidirmos o que fazer deles.

— Oh! Oh, minha nossa senhora! — A freira empalidecera.

— Puseram-nos nos contentores do lixo? Eu não lhes disse que os pusessem nos contentores do lixo! — Stevie Rae quase gritava.

— Chiu! — Disse Kramisha, e os outros espetadores lançaram-lhes olhares irritados.

A Irmã Mary Angela fez-nos sinal que a seguíssemos, e nós cinco saímos rapidamente da cave, subimos a escada e entrámos no átrio da abadia.

— Dallas, *não* posso crer que os puseste no lixo! — Stevie Rae atacou-o assim que os outros deixaram de nos poder ouvir.

— O que esperavas que fizéssemos com eles, que abrissemos uma

vala e rezássemos missa? — Ironizou Dallas, mas depois olhou para a Irmã Mary Angela.

— Desculpe, não queria dizer blasfêmias, Irmã. Os meus cotas são católicos.

— Estou certa de que não querias ofender, filho — disse a freira, algo trémula. — Cadáveres... eu não tinha pensado em cadáveres.

— Não se aflija com isso, Irmã. — Heath deu-lhe palmadinhas no braço, todo desajeitado. — Não tem que se ralar com isso. Eu percebo o que está a sentir. Isto tudo, o homem das asas, a Neferet, os Zomba-Corvos, bem, é um bocado difícil...

— Eles não podem ficar na porcaria dos contentores — Stevie Rae interrompeu Heath como se nem o ouvisse. — Não está certo.

— Porque não? — Perguntei calmamente. Estivera calada até então para observar melhor Stevie Rae e vira-a ficar cada vez mais alterada.

De repente, Stevie Rae já não parecia ter pudores em me encarar.

— Porque não está certo, e mais nada — repetiu.

— Eram monstros parcialmente imortais que teriam dado o seu pior para nos matarem numa fração de segundo se Kalona tivesse dado a ordem — disse eu.

— Parcialmente imortais e o resto? — Perguntou-me Stevie Rae.

Fiz-lhe má cara, mas Heath respondeu antes de mim.

— Pássaro?

— Não. — Stevie Rae nem sequer olhou para ele, não me desfitou. — O resto não é pássaro, pois o pássaro é imortal. No sangue deles são parte imortais e parte humanos. *Humanos*, Zoey. Tenho pena da parte humana, e acho que merece mais do que ser deitada ao lixo.

Havia algo no olhar dela — no som da voz dela — que me incomodou sobremaneira. Retorqui-lhe com a primeira coisa que me veio à cabeça.

— É preciso mais do que um acidente no sangue para me fazer ter pena de alguém.

Os olhos de Stevie Rae dardejaram e o corpo dela sacudiu-se, quase como se eu lhe tivesse batido.

— Deve ser por isso que eu e tu somos diferentes.

De súbito, apercebi-me da razão para Stevie Rae sentir pena dos Zomba-Corvos. Devia estar a ver-se neles, de algum modo enviesado. Ela morrera e depois, devido àquilo a que ela chamaria um «acidente», ressuscitara *sem* grande parte da sua humanidade. Depois, devido a outro «acidente», recobrou-a. Vendo a coisa nessa perspetiva, creio que ela tinha pena deles por saber o que era ser parte monstro, parte humana.

— Ouve — disse eu baixinho, desejando que estivéssemos na Casa da Noite e pudéssemos conversar com a facilidade de antigamente. — Há uma grande diferença entre um acidente que estraga alguém à nascença, e algo terrível que acontece *depois* de alguém nascer. Por um lado, somos feitas de uma maneira, por outro, algo nos tenta transformar no que não somos.

— Hã? — disse o Heath.

— Creio que a Zoey diz que compreende por que razão a Stevie Rae tem pena dos Zomba-Corvos mortos, mesmo não tendo nada em comum com eles — disse a Irmã Mary Angela. — E a Zoey tem razão. Aquelas criaturas eram seres tenebrosos e embora eu também fique desconcertada pela morte, compreendo que tivessem tido de morrer.

Stevie Rae deixou de olhar para mim.

— Estão ambas enganadas. Não penso nada assim, mas não quero falar mais sobre isso. — Lançou-se pelo corredor abaixo, afastando-se de nós.

— Stevie Rae? — Chamei.

Ela nem sequer olhou para trás.

— Vou procurar o Erik, ver se está mesmo tudo bem lá fora, e mandá-lo para dentro. Falamos mais tarde. — Virou-se, desapareceu por uma porta que calculei desse para o exterior, e fechou-a com força atrás de si.

— Ela não costuma ser assim — disse Dallas.

— Rezarei por ela — sussurrou a Irmã Mary Angela.

— Não se aflijam — disse Heath. — Ela não tarda a voltar. O Sol já está quase a nascer.

Passsei a mão pela cara. Devia ter ido atrás de Stevie Rae, tê-la agarrado e obrigado a contar-me o que se passava mesmo. Mas não conseguia lidar com mais um problema naquela altura. Ainda nem sequer tinha lidado com a lembrança de A-ya, e ainda a sentia algures na minha cabeça, a provocar-me, como um segredo culpado.

— Zo, estás bem? Pareces precisadíssima de dormir. Precisamos todos — disse Heath, e bocejou.

Pisquei os olhos e fiz-lhe um sorriso cansado.

— Pois é. Vou deitar-me. Primeiro só quero ver como está o Stark, depressinha.

— Bem depressinha — avisou a Irmã Mary Angela.

Assenti. Sem olhar para Heath, disse:

— Pronto, hum. Vemo-nos daqui a oito horas ou coisa assim.

— Boa noite, minha filha. — A Irmã Mary Angela abraçou-me e sussurrou:

— Que Nossa Senhora te abençoe e guarde.

— Obrigada, Irmã — sussurrei também, e abracei-a com força.

Quando a larguei, Heath surpreendeu-me ao pegar-me na mão. Olhei-o com ar interrogativo.

— Eu levo-te ao quarto do Stark — disse ele.

Sentindo-me derrotada, encolhi os ombros e começámos a descer o corredor de mão dada. Não falámos; limitámo-nos a andar. A mão de Heath era quente e conhecia a minha e facilmente acertei o passo com o dele. Ia começar a deixar-me descontraír quando Heath pigarreou.

— Ouve, hum, queria pedir desculpa daquela treta lá fora comigo e com o Erik. Foi uma estupidez. Não o devia deixar afetar-me — disse ele.

— Tens razão — não devias, mas ele sabe ser irritante — disse eu.

Heath sorriu. — A quem o dizes. Vais dar-lhe tampa dentro em breve, não vais?

— Heath, não vou nada falar sobre o Erik contigo.

O sorriso dele só aumentou. Revirei os olhos.

— A mim não enganas. Conheço-te bem de mais. Não gostas de tipos mandões.

— Cala-te e anda — disse eu, mas apertei-lhe a mão, e ele apertou-ma também. E tinha razão, não gosto de gente mandona, e ele conhecia-me mesmo muito bem.

Chegámos a uma curva no corredor. Havia uma janela bonita com uma alcova almofadada que parecia perfeita para ler um livro. No parapeito estava uma belíssima estatueta de porcelana de Maria, com várias velas votivas acesas de cada lado. Eu e Heath abrandámos e parámos à janela.

— É bem bonito — disse eu baixinho.

— Pois, nunca dei grande atenção a Maria. Mas estas estátuas todas dela com velas acesas são fixes. Parece-te que a freira tem razão? Que Maria pode ser Nyx e Nyx, Maria?

— Não faço ideia.

— Nyx não fala contigo?

— Às vezes fala, mas o assunto da mãe de Jesus nunca surgiu — respondi.

— Bem, acho que da próxima vez lhe devias perguntar.

— Talvez pergunte — afirmei.

Ficámos ali, de mão dada a ver as chamas amarelas e quentes a tremeluzirem na estátua cintilante. Estava eu a pensar como seria agradável que a minha Deusa me viesse ver numa altura da minha existência que não estivesse cheia de stresse de vida ou morte, quando Heath disse:

— Consta que o Stark te prestou juramento de Guerreiro. Observei-o cautelosamente, em busca de sinais de que ele estivesse zangado ou ciumento mas, nos seus olhos azuis, só vi curiosidade.

— Pois prestou.

— Parece que é um laço muito especial.

— Pois é — disse eu.

— Ele é o tipo que não pode falhar com a flecha, não é?

— É.

— Portanto, tê-lo do teu lado é como estar protegida pelo Exterminador?

Tive de sorrir. — Bem, ele não é grande como o Schwarzenegger, mas acho que a comparação é boa.

— E ele também te ama?

A pergunta dele apanhou-me desprevenida, e não soube o que dizer. Tal como fazia desde que nos conhecêramos na escola, Heath parecia saber exatamente o que dizer.

— Diz-me a verdade, mais nada.

— Sim, acho que ele me ama.

— E tu a ele?

— Talvez — respondi, com relutância. — Mas não muda nada o que eu sinto por ti.

— Mas que significa isso para mim e para ti no presente?

Era estranho que as palavras dele emulassem a pergunta de Afrodite sobre a lembrança de A-ya que Kalona me deixara. Senti-me esmagada porque não tinha resposta para nenhuma delas; esfreguei a testa por causa da dor de cabeça que já me atacava a têmpora direita.

— Acho que isso nos deixa com Impressão e aborrecidos.

Heath nada disse. Olhou-me com aquele olhar doce, triste, conhecido, que dizia mais do quanto eu o magoava do que mil brigas entre nós.

Era de cortar o coração.

— Heath, tenho muita pena. É que... é que... — Não consegui falar e recomecei.

— É que não sei o que hei de fazer a respeito de montes de coisas neste momento.

— Eu sei. — Heath sentou-se na alcova e estendeu os braços para mim.

— Zo, anda cá.

Abanei a cabeça. — Heath, não posso...

— Não te estou a pedir nada — interrompeu ele firmemente. — Estou a dar-te. Anda cá.

Como eu só olhava para ele, confusa, ele suspirou, esticou os braços, pegou-me nas mãos e puxou suavemente o meu corpo rígido mas sem resistência para o colo e os braços dele. Abraçou-me, encostou a face ao topo da minha cabeça, como fazia desde que ficara mais alto do que eu, por volta do oitavo ano. Eu tinha o rosto na curva do pescoço dele e inspirei o aroma. Era o perfume da minha infância — das noites longas de verão sentada no quintal ao pé do apanha-mosquitos, a ouvirmos música e a conversarmos — das festas depois dos jogos quando eu ficava aninhada nos braços dele e montes de miúdas (e rapazes, já agora) deliravam com os belos passes que ele fizera — de longos beijos de boa noite e da paixão que viera com a descoberta do amor.

E de súbito apercebi-me de que, enquanto respirava familiaridade e segurança, também me descontraía. Com um suspiro, enrolei-me melhor nele.

— Melhor? — Murmurou Heath.

— Melhor — disse eu. — Heath, não sei mesmo se...

— Quieta! — Os braços dele apertaram-me e depois afrouxaram. — Neste momento não te rales comigo, nem com o Erik nem com o miúdo novo. Neste momento, recorda-te de *nós*. Recorda-te de como é connosco há anos. Estou aqui para te apoiar, Zo. Por mais tretas que eu não consiga compreender, estou aqui. E nós pertencemos um ao outro. O meu sangue assim o diz.

— Porquê? — Perguntei, ainda nos braços dele. — Porque é que ainda cá estás, ainda disposto a estar comigo quando sabes do Erik e do Stark?

— Porque te amo — disse ele com simplicidade. — Amo-te desde que me lembro, e vou amar-te para o resto da minha vida.

As lágrimas ardiam-me nos olhos e pestanejei com força, a tentar não chorar.

— Mas Heath, o Stark não vai desaparecer. E não sei bem o que hei de fazer com o Erik.

— Eu sei.

Respirei fundo e quando expirei, disse:

— E dentro de mim há uma ligação com Kalona que não consigo evitar.

— Mas disseste-lhe que não e expulsaste-o.

— Pois foi, mas... Tenho memórias presas na minha alma que têm a ver com quem fui noutra vida, e nessa vida estive com Kalona.

Em vez de me fazer um milhão de perguntas, ou de se afastar de mim, os braços dele aconchegaram-me mais.

— Vai correr tudo bem — disse ele, e parecia que falava a sério. — Tu vais arranjar maneira.

— Não sei como. Nem sequer sei o que fazer contigo.

— Não há *nada* a fazer comigo. Estou contigo. Mais nada. — Calou-se, mas depois acrescentou depressa, como se quisesse tirar as palavras da boca:

— Se tiver de te partilhar com os vampyros, partilho.

Ainda nos braços dele, afastei-me para poder encará-lo.

— Heath, tu és ciumento de mais para eu acreditar que não faz mal que eu esteja com outro.

— Eu não disse que não fazia mal. Não gosto nada, mas não quero ficar sem ti, Zoey.

— Coisa mais esquisita — disse eu.

Ele pegou-me no queixo quando tentei desfitá-lo.

— Pois é, esquisito. Mas a verdade é que, desde que temos Impressão que eu sei que tenho uma coisa contigo que mais ninguém tem. Posso dar-te algo que nenhum daqueles mauzões aspirantes a Dráculas pode sequer alcançar. Posso dar-te algo que nem um imortal pode alcançar.

Olhei para ele. Os olhos de Heath estavam marejados de lágrimas. Parecia tão mais velho do que os seus dezoito anos que até metia medo.

— Não te quero deixar triste — disse eu. — Não te quero estragar a vida.

— Então para de tentar afastar-me de ti. O nosso lugar é juntos.

Eu sabia que era incorreto da minha parte mas, em vez de lhe responder e refilar que não podíamos dar certo juntos, aninhei-me nos braços dele e deixei-o embalar-me. Pois, foi de um egoísmo tremendo, mas perdi-me nos braços de Heath e no toque do meu passado. Ele abraçou-me na perfeição. Não tentou namorar. Não me agarrou, nem se roçou em mim. Não me tentou apalpar. Nem sequer se ofereceu para se cortar e me deixar beber sangue, o que teria automaticamente desencadeado uma paixão entre nós que nos levaria ao descontrolo. Heath abraçou-me carinhosamente e disse baixinho o quanto me amava. Disse-me que ia correr tudo bem. Senti o coração dele a bater junto com o meu. Senti o sangue rico e sedutor que lá estava, tão quente e tão perto, mas naquele momento eu precisava, mais do que do sangue dele com a nossa Impressão, da nossa familiaridade, do nosso passado conjunto, e da força da compreensão dele.

E foi naquele momento que Heath Luck, a minha paixão do liceu, se tornou verdadeiramente no meu consorte.



SÉTIMO CAPÍTULO

Stevie Rae

Sentindo-se uma rematada cretina, Stevie Rae bateu com a porta da abadia e refugiou-se na noite gelada. Não estava realmente zangada com a Zoey, nem com aquela freira super-boazinha, embora algo iludida. Aliás, só estava zangada consigo mesma.

— Caneco! Odeio estar a estragar tudo! — Gritou consigo própria. Não fizera tenções de estragar tanto as coisas, mas era como se estivesse a acartar uma pilha de estrume que ficava cada vez maior, por mais que ela cavasse depressa.

A Zoey não era parva. Sabia que algo de mal se passava. Era óbvio, mas como é que Stevie Rae poderia começar sequer a contar-lhe? Havia tanto que explicar. *Ele* era tanto que explicar. E ela não quisera que nada daquilo acontecesse. Muito menos a parte do Zomba-Corvos. Caneco! Antes de o descobrir quase morto, nem lhe passaria pela cabeça ser possível. Se alguém lhe tivesse falado dele antes, ela ter-se-ia rido e dito, «Ná, isso não vai acontecer!»

Mas era possível porque tinha acontecido. *Ele* tinha acontecido.

Enquanto Stevie Rae rondava o recinto da abadia à procura do chato do Erik, o qual poderia muito bem descobrir aquele último e pavoroso segredo dela, e emperrar a engrenagem toda, ela tentava descortinar como se metera numa trapalhada daquelas. Porque é que o tinha salvado? Porque é que não chamara Dallas e os outros, para acabarem com ele?

Até tinha sido o que ele alegara querer antes de desmaiar.

Mas ele falara. Ele parecera tão humano. E ela não fora capaz de o matar.

— Erik! — Onde catano andava ele? — Erik, anda cá! — Stevie Rae parou a sua batalha interior e gritou para a noite. Noite? Stevie Rae olhou para oriente com olhos semicerrados e jurou que podia ver a escuridão lá a transformar-se na cor de ameixa madura da alvorada.

— Erik! São horas de dar notícias! — Gritou Stevie Rae pela terceira vez. Parou e olhou em redor do recinto silencioso da abadia.

O olhar de Stevie Rae abarcou a estufa que fora transformada em estábulo temporário para os cavalos que a Z e o resto da malta haviam montado na sua fuga da Casa da Noite. Porém, não era tanto a estufa que lhe chamava a atenção. Era a arrecadação discreta que ficava ao lado. A arrecadação parecia normal — uma simples barraquinha sem janelas. A porta nem sequer fora trancada. Ela bem sabia. Estivera lá dentro não há muito tempo.

— Então, o que se passa? Viste alguma coisa ali?

— Oh, merda! — Stevie Rae assustou-se e girou nos calcanhares, o coração a bater tanto que quase nem conseguia respirar.

— Erik! Pregaste-me um susto do caraças! Não podias ter feito barulho ou coisa assim antes de apareceres do nada?

— Desculpa lá, Stevie Rae, mas *tu* é que *me* chamaste.

Stevie Rae afastou um caracol louro para trás da orelha e tentou não ligar ao facto de a mão lhe tremer. Não tinha mesmo jeito nenhum para brincar às escondidas e às mentiras com os amigos. Porém, ergueu o queixo e obrigou os nervos a acalmarem, e a maneira mais fácil seria dar na cabeça ao chato que era o Erik.

Stevie Rae olhou-o com má cara.

— Pois, estava a chamar-te porque já devias estar lá dentro com os outros todos. O que andas ainda aqui a fazer fora? Estás a deixar a Zoey ralada — como se ela precisasse de mais stresse da tua parte agora?

— A Zoey estava à minha procura?

Com grande esforço, Stevie Rae conseguiu não revirar os olhos para Erik. Ele era *mesmo* irritante. Portava-se como Namorado Perfeito metade do tempo, e depois mudava de repente e era um sacana arrogante. Ela teria de dar uma palavrinha à Z sobre ele — isto se a Z lhe desse ouvidos. As duas não andavam lá muito íntimas ultimamente. Tantos segredos... Tantos obstáculos entre as duas...

— Stevie Rae! Toma atenção. Disseste que a Zoey anda à minha procura?

Stevie Rae teve mesmo de revirar os olhos.

— Devias estar lá dentro. O Heath e o Dallas e o resto dos miúdos já

lá estão. A Zoey sabe disso. Queria saber onde raio andavas e por que raio não estás onde devias.

— Se estava assim tão ralada, podia ter cá vindo fora.

— Eu não disse que ela estava ralada! — Stevie Rae estalou, exasperada com o egocentrismo de Erik. — E a Z tem muito mais em que pensar do que em tomar conta de ti.

— Não preciso que tomem conta de mim.

— Ai não? Então porque é que tive que cá vir buscar-te?

— Sei lá, porquê? Eu já ia para dentro. Só queria dar mais uma volta ao perímetro. Achei boa ideia rever o que o Heath devia ter visto. Sabes que os humanos não veem pevas de noite.

— O Johnny B não é humano e estava com o Heath. — Stevie Rae suspirou. — Vai lá para dentro. Come alguma coisa e vai buscar roupa seca. Uma das freiras há de dizer-te onde dormes. Vou dar mais uma volta antes que nasça o Sol — disse Stevie Rae.

— Se nascer — disse Erik, a olhar para o céu.

Stevie Rae olhou também e, a pensar que ele era mesmo tapadinho, apercebeu-se de que chovia outra vez, só que a temperatura ainda estava naquele limbo entre gela e não gela, pelo que o céu, mais uma vez, cuspiam gelo.

— Era só o que nos faltava, este tempo da treta — resmungou Stevie Rae.

— Bom, pelo menos ajuda a disfarçar o sangue dos Zomba-Corvos — disse Erik.

Stevie Rae olhou rapidamente para Erik. Merda! Ela nem sequer pensara no sangue! Será que eles tinham visto sangue ao pé da arrecadação? Isso é que seria um rasto gritante a dizer *Olá, cá estou eu!* Stevie Rae apercebeu-se de que Erik esperava resposta.

— Pois, hum, tens razão. Se calhar vou tentar juntar gelo e gravetos para tapar o sangue daqueles três passarões — disse ela com desprendimento forçado.

— Deve ser boa ideia, caso alguns humanos saiam à rua durante o dia. Queres ajuda?

— Não — respondeu ela, depressa de mais, e depois obrigou-se a encolher os ombros. — Com as minhas supercapacidades de vampe vermelha, é um instantinho. Não é nada de especial.

— Então está bem. — Erik começou a afastar-se, mas hesitou. — Ouve, talvez devas tratar melhor das marcas de sangue na orla daquelas árvores ao pé do prédio do lado e na estrada. Foi uma porcarias lá.

— Pois, está bem. Sei onde é. — E sabia.

— Ah, e onde é que disseste que a Zoey estava?

— Hum, Erik, acho que não disse nada.

Erik franziu o sobrolho, esperou e, como Stevie Rae continuava a olhar para ele, perguntou finalmente:

— Então? Onde é que ela está?

— Quando saí de lá, ela estava a falar com o Heath e a Irmã Mary Angela no corredor à porta da cave. Mas calculo que ela já tenha ido ver como estava o Stark e que agora esteja a dormir. Parecia mesmo cansada.

— Stark... — Erik resmungou qualquer coisa que ela não percebeu a seguir, e virou costas na direção da abadia.

— Erik! — Stevie Rae chamou-o, pois ralhava interiormente consigo mesma, fora uma estupidez ter falado em Heath e Stark. Esperou que ele olhasse para trás e continuou:

— Na qualidade de Amiguinha do Peito da Z, deixa-me dar-te um conselho: ela já passou por muito hoje para ter de lidar com problemas de namorados. Se falou com o Heath foi para ver se ele estava bem — e não por andar agarradinha a ele. O mesmo se aplica ao Stark.

— E depois? — Perguntou Erik, inexpressivo.

— *E depois* quer dizer que tu devias ir comer qualquer coisa, mudar de roupa e ir direito à cama *sem* a procurares nem chateares.

— Eu e ela estamos juntos, Stevie Rae. Voltámos a namorar. Como é que um namorado preocupado com ela a ponto de querer estar com ela pode ser «chatear»?

Stevie Rae reprimiu um sorriso. A Zoey ia comê-lo ao pequeno-almoço, cuspi-lo e continuar com a vida dela. Stevie Rae encolheu os ombros.

— Tanto faz. Estava só a dar-te um conselho, mais nada.

— Pois sim, até logo. — Erik virou-se e rumou à abadia.

— Para alguém tão inteligente, ele toma mesmo decisões estúpidas — disse Stevie Rae baixinho, já ele desaparecia. — Claro que ser eu a achar isto, como diria a minha mãezinha, é o mesmo que dizer o roto ao nu.

Stevie Rae suspirou e olhou com relutância para a fila de contentores do lixo, meio camuflados pelo estacionamento da abadia. Desviou o olhar, não querendo pensar nos corpos terrivelmente amontoados lá dentro.

— Com o lixo. — Disse as palavras devagar, como se cada qual tivesse peso próprio. Stevie Rae admitiu para si própria que a Zoey e a Irmã Mary Angela até poderiam ter mais ou menos razão, naquela míni sessão de aconselhamento, mas tal não tornava menos irritante o que havia sido dito.

Sim, ela exagerara, mas aquilo de os rapazes deitarem os cadáveres dos Zomba-Corvos no lixo deixara-a mesmo abalada, e não só por causa *dele*. O olhar de Stevie Rae voltou à arrecadação que ficava muda e queda ao lado da estufa.

O que eles tinham feito com os cadáveres dos Zomba-Corvos incomodara-a porque ela era contra qualquer desvalorização da vida — de qualquer tipo de vida. Era perigoso armar-se em deus e decidir quem merecia viver ou não. Stevie Rae sabia disso muito melhor do que a freira ou a Zoey poderiam saber. Como se não bastasse a sua vida, bem, a sua *morte*, ter sido estragada por uma Sumo-Sacerdotisa que começara a acreditar ser mesmo uma deusa, ainda por cima Stevie Rae também achara outrora *ter* o direito de ceifar vidas por causa de necessidades ou caprichos. Só de se lembrar como era estar nas garras dessa raiva e violência a deixava agora mal disposta. Deixara esses dias negros para trás das costas — escolhera o bem e a luz e a Deusa, e tencionava continuar nesse caminho. Por conseguinte, quando alguém decidia que uma vida nada significava, qualquer vida, sentia-se incomodada.

Pelo menos, era o que Stevie Rae dizia de si para consigo a perambular pelo recinto da abadia, na direção *completamente* oposta à da arrecadação.

Aguenta-te, miúda... Aguenta-te... Repetia ela, uma e outra vez, quando fez um desvio pela vala e a alameda, dirigindo-se logo às manchas de sangue que recordava nitidamente. Encontrou um ramo partido grosso que ainda tinha gravetos, levantou-o com facilidade, contente com a força acrescida inerente à condição de vampyra vermelha passada pela Mudança. Empunhou o ramo como uma vassoura e começou a tapar o sangue, atirando de vez em quando mais gravetos, ou até um arbusto de azevinho caído, para cima das reveladoras poças cor de carmim.

Arrepiou caminho que fizera antes, virou à esquerda para longe da rua e de volta ao relvado das freiras, por dentro da vedação. Não andara muito quando, tal como antes, encontrou uma poça de sangue.

Só que desta vez não tinha corpo algum por cima.

Para se distrair, Stevie Rae começou a trautear «(Baby) You Save Me» de Kenny Chesney, tapou apressadamente o sangue e depois seguiu o rasto de pingos que sabia lá estar, a dar pontapés no gelo e nos ramos para tapar as provas, pelo caminho de sangue que a levava diretamente à arrecadação do jardim.

Stevie Rae olhou bem para a porta, suspirou, depois virou costas, e deu a volta à arrecadação rumo à estufa. A porta estava destrancada e a

maçaneta girou facilmente. Entrou e parou; respirou fundo e deixou que os aromas da terra e de coisas a crescer, mesclados com as especiarias novas dos três cavalos ali albergados temporariamente, lhe acalmassem os sentidos, enquanto o calor da estufa derretia a humidade gelada que parecia ter-lhe penetrado na alma. Porém, não se permitiu a demoras. Não podia. Tinha coisas a tratar e pouco tempo antes da alvorada. Mesmo que o Sol estivesse obscurecido por nuvens e gelo, nunca era agradável para uma vampyra vermelha ser apanhada na rua, exposta e vulnerável, durante o dia.

Stevie Rae não demorou muito a encontrar o que queria. Era óbvio que as freiras apreciavam as coisas feitas à antiga. Em vez de um sistema de aspersão com mangueiras modernas, interruptores elétricos, e engenhocas metálicas, as irmãs tinham baldes e pás, regadores com bocais compridos e perfurados para regar suavemente plantas tenrinhas, e montes de ferramentas que pareciam tão bem cuidadas quanto usadas. Stevie Rae encheu um balde com água fresca numa das muitas torneiras, pegou numa pá, em algumas toalhas lavadas que encontrou numa prateleira onde guardavam luvas de jardinagem e vasos e depois, de saída, parou perto de uma bandeja de musgo que lhe fazia lembrar um tapete grosso e verde. Ficou ali a morder o lábio, indecisa, enquanto o instinto se digladiava com a razão, até que esta cedeu finalmente e Stevie Rae puxou uma tira grande de musgo. Em seguida, a resmungar consigo própria por não saber o que andava a fazer, Stevie Rae saiu da estufa e voltou à arrecadação.

Parou à porta para se concentrar — apurou toda a sua capacidade predatória para sentir, cheirar, ver alguém, *algo* que por ali andasse. Nada. Não havia nada lá fora. O granizo e as horas tardias mantinham toda a gente dentro de portas, quente e segura.

— Toda a gente com uma réstia de bom senso — resmungou.

Olhou mais uma vez em seu redor, ajeitou as tralhas para soltar uma mão e tocou na aldraba. *Pronto — pronto. Despacha lá isso. Talvez ele tenha morrido e não tenhas de lidar com este erro descomunal que acabaste de fazer.*

Stevie Rae puxou a aldraba para baixo e empurrou a porta. Ato contínuo, franziu o nariz. Era um abalo depois da terra simples da estufa, aquela casinha a cheirar a gás e a óleo e a bolor, tudo misturado com o cheiro errado do sangue dele.

Ela deixara-o na outra ponta da arrecadação, atrás do cortador de relva e da estante com material de jardim como, por exemplo, tesouras de poda, adubos, peças para a rega. Espreitou lá para trás e lobrigou um

vulto escuro, que não se mexia. Esforçou os ouvidos e não captou nada, tirando o gelo a bater no telhado.

Antecipando já o momento inevitável em que teria de o encarar, Stevie Rae obrigou-se a entrar na arrecadação e a fechar a porta atrás de si. Deu a volta ao cortador e à estante, até à criatura que jazia do outro lado da arrecadação. Parecia que ele não se tinha mexido desde que ela o levava para ali, meio arrastado, meio carregado, duas horas antes, e o atirara literalmente para aquele canto. Estava enrolado numa estranha posição fetal sobre o lado esquerdo. A bala que perfurara o lado superior direito do tronco rasgara-lhe a asa ao sair do corpo, e acabara com ela. A enorme asa negra caía ensanguentada, despedaçada e inútil ao lado dele. Também pareceu a Stevie Rae que ele poderia ter um tornozelo partido, já que estava horrivelmente inchado e, mesmo no escuro da arrecadação, até lhe podia ver os hematomas. Aliás, o corpo todo parecia em muito mau estado, o que não admirava nada. Levava um tiro em pleno voo, tombara do céu e os carvalhos antigos da orla da abadia tinham-lhe amparado a queda de modo a não ter tido morte imediata, mas ela não tinha maneira de saber a gravidade dos ferimentos dele. Bem podia estar todo rebentado por dentro como parecia por fora. Bem podia estar morto. Parecia morto. Observou-lhe o tronco e não teve cem por cento de certeza, mas não lhe pareceu que se mexesse com a respiração. Devia estar morto. Stevie Rae continuou a olhar para ele, sem vontade de se aproximar, e incapaz de virar costas e se ir embora.

Estaria doida varrida? Porque é que não parara para pensar antes de o arrastar para ali? Olhou para ele. Não era humano. Nem sequer era animal. Não era armar-se em Deus se o deixasse morrer; ele nunca deveria ter nascido.

Stevie Rae estremeceu. Continuou ali espedada como se estivesse paralisada pelo horror do que fizera. O que diriam os amigos se soubessem que ela dera guarida a um Zomba-Corvos? A Zoey cortaria relações com ela? E que repercussões teria a presença daquela criatura junto dos iniciados vermelhos, *todos* os iniciados vermelhos? Como se já não tivessem coisas negras e malvadas suficientes com que lidar?

A freira tivera razão. Ela não deveria apiedar-se dele. Ia pegar nas toalhas e nas coisas e voltar para a estufa, entrar na abadia, encontrar Dário e contar-lhe que havia um Zomba-Corvos na arrecadação. O guerreiro que fizesse o seu trabalho. Se ele não estivesse já morto, Dário trataria disso. Até iria acabar com o sofrimento do passarão. Stevie Rae exalou fundo quando se apercebeu de que sustivera o fôlego enquanto se decidia, e os olhos vermelhos dele abriram-se e fitaram os dela.

— Acaba com isto... — A voz do Zomba-Corvos estava fraca e cheia de dor, mas era claramente, absolutamente, inegavelmente humana.

E pronto. Stevie Rae apercebeu-se da razão para não ter chamado Dallas e o resto dos miúdos quando dera com ele. Quando ele falara e lhe pedira que o matasse, parecera um homem — um homem ferido, abandonado e apavorado. Ela não conseguira matá-lo então, e agora não conseguia virar-lhe costas. A voz dele fazia toda a diferença porque, embora ele tivesse o aspeto de um ser que não deveria ser possível, soava normal e desesperado e no sofrimento imenso de quem só esperava pelo pior.

Não, não estava certo. Ele não esperava apenas o pior, ele queria o pior. Passara por algo tão horroroso que não via saída exceto pela sua própria morte. Para Stevie Rae, embora ele tivesse claramente passado por algo de sua própria culpa, aquilo fazia dele muito, muito humano. Ela já passara por aquilo. Ela compreendia tal desespero.



OITAVO CAPÍTULO

Stevie Rae

Stevie Rae dominou o impulso automático de recuar porque, com ou sem voz de homem, e pondo temporariamente de parte a questão da humanidade dele, a verdade era que ele era um pássaro enorme cujo sangue cheirava mesmo mal. E Stevie Rae estava muito sozinha com ele.

— Ouve, eu sei que estás ferido e tudo, e não consegues raciocinar, mas se eu te fosse matar não te teria arrastado aqui para dentro. — Obrigou a voz a sair-lhe normalmente e, em vez de recuar como queria, ficou pé e fitou aqueles olhos vermelhos frios que pareciam bizarramente humanos.

— Porque é que não me matas? — As palavras dele pouco mais eram do que um murmúrio agonizante, mas a noite estava tão calma que Stevie Rae não teve dificuldade em ouvi-las.

Podia ter fingido não ter ouvido nada ou, pelo menos, não ter compreendido, mas estava fartinha de fugas e mentiras, pelo que continuou a fitá-lo e disse-lhe a verdade:

— Bom, na verdade, isso tem muito mais a ver comigo do que contigo, e por isso é uma história comprida e confusa. Acho que não tenho bem a certeza porque é que não te quero matar, tirando o facto de querer fazer as coisas à minha maneira, e posso dizer que não sou nada adepta de mortes.

Ele olhou-a até ela se sentir pouco à vontade com aquele olhar vermelho. Por fim, ele disse:

— Mas devias.

Stevie Rae ergueu o sobrolho.

— Devia ter a certeza, devia matar-te ou devia querer fazer as coisas à minha maneira? Tens de ser mais específico. Ah, e também devias pensar em ser menos mandão. Não estás bem em posição de me dizer o que *devo* ou não fazer.

Obviamente no fim das suas forças, os olhos dele tinham começado a fechar-se, mas as palavras dela fizeram-no abri-los outra vez. Stevie Rae viu uma espécie de emoção alterar-lhe o semblante, mas a cara dele era tão estranha, tão diferente do que ela jamais havia visto, que não o conseguia perceber. Abriu o bico preto como se fosse dizer algo. Nesse momento, estremeceu de corpo inteiro. Em vez de falar, fechou os olhos e gemeu. O som tinha uma agonia que era completamente humana.

Ato contínuo, Stevie Rae deu um passo na sua direção. Ele abriu os olhos e, embora estivessem vítreos de dor, viu que aquele clarão escarlate estava fixo nela. Stevie Rae parou e falou lenta e distintamente:

— Pronto, é assim. Trouxe água e coisas para te tratar, mas não estou nada disposta a aproximar-me de ti se não me deres a tua palavra de que não vais tentar fazer nada de que eu não goste.

Desta vez Stevie Rae teve a certeza de que a emoção que vira no clarão vermelho daqueles olhos era surpresa.

— Não me consigo mexer. — As palavras saíam-lhe às arrancadas, era evidente que lhe custava falar.

— Isso quer dizer que tenho a tua palavra de que não me mordes nem fazes nada desagradável?

— Ssssim.

A voz ficara gutural e sibilante, o que Stevie Rae não achou nada apaziguador. Não obstante, endireitou as costas e assentiu como se ele não tivesse parecido uma cobra.

— Bom. Ótimo. Vamos ver o que posso fazer para te sentires melhor.

Depois, antes de ganhar juízo na sua cabeça tonta, Stevie Rae foi ter com o Zomba-Corvos. Largou as toalhas e o musgo no chão ao pé dele, e pôs o balde de água com mais cuidado. Ele era mesmo grande. Já se esquecera disso. Bom, talvez tivesse sido mais bloquear da memória, porque «esquecer-se» do tamanho dele era praticamente impossível. Não fora propriamente fácil arrastá-lo/carregá-lo para dentro da arrecadação, antes que Erik ou Dallas ou *alguém* a visse, embora ele fosse estranhamente leve para o volume que tinha.

— Água. — Mais do que falar, ele quase crocitara.

— Ah, sim, claro! — Stevie Rae pegou na pá, deixou-a cair no chão e, envergonhada e nervosa, deixou-a cair segunda vez — teve de lhe pegar, limpá-la a uma toalha e finalmente metê-la na água. Aproximou-se mais

dele. Ele mexeu-se um pouco, obviamente a tentar levantar um braço, mas tornou a gemer e o braço parecia não sair do flanco, inútil como a asa partida. Sem parar para pensar no que estava a fazer, Stevie Rae curvou-se, levantou-lhe os ombros com cuidado, inclinou-lhe a cabeça para trás e levou a pá ao bico. Ele bebeu; estava sedento.

Quando terminou, ela ajudou-o a deitar, mas só depois de lhe pôr uma toalha debaixo da cabeça.

— Pronto, não tenho nada para te limpar as feridas tirando água, mas farei o melhor que puder. Ah, e trouxe musgo. Se to puser nas feridas, vai ajudar. — Não se ralou a explicar que não fazia ideia de como sabia que o musgo seria bom para as feridas dele — era apenas um bocado de informação que ela ganhava de vez em quando — vindo do nada. Por vezes, nunca tendo feito a mais pálida ideia de certo assunto, surgia-lhe informação sobre ele como, por exemplo, tratar uma ferida. Queria acreditar que era Nyx a sussurrar-lhe dentro da cabeça, como a Deusa sussurrava à Zoey, mas a verdade era que Stevie Rae não tinha a certeza.

— Continua a escolher o bem acima do mal... — Resmungou de si para consigo, e começou a rasgar uma toalha em tiras.

Os olhos do Zomba-Corvos abriram-se e ele olhou-a interrogativamente.

— Ah, não liguês. Costumo falar sozinha. Mesmo quando não estou sozinha. Deve ser a minha versão de terapia. — Calou-se e fitou-o.

— Isto vai doer. Quer dizer, vou ter todo o cuidado e tudo, mas estás mesmo muito ferido.

— Podes avançar — disse ele, naquela voz sussurrante e dorida que lhe parecia tão humana numa criatura com um aspeto tão pouco humano.

— Está bem, pronto, cá vai disto. — Stevie Rae mexeu-se com a máxima destreza e o máximo cuidado. O buraco no tronco dele era pavoroso. Limpou-o com água e tirou gravetos e porcarias que viu lá dentro. As penas dele tornavam aquilo tudo superbizarro. Havia peito e pele debaixo delas, mas era tão esquisito! Ele tinha *penas*, e debaixo delas ela encontrou bolinhas de penugem preta macias como algodão doce na feira.

Olhou para a cara dele. Voltara a repousar a cabeça na toalha que lhe servia de almofada. Fechara os olhos, e respirava com dificuldade.

— Desculpa, eu sei que isto dói — disse ela. A única reação dele foi uma espécie de grunhido o que, ironicamente, o fez parecer ainda mais homem. A sério — o grunhido é famoso por ser um grande meio de comunicação entre os homens.

— Pronto, creio que está pronto para o musgo. — Stevie Rae falava

mais para acalmar os próprios nervos do que os dele. Rasgou uma parte do musgo e tapou cuidadosamente a ferida com ele.

— Já não parece tão mau, agora que já não sangra tanto. — Continuava a tagarelar, embora ele mal reagisse. — Tenho de te mexer um pouco. — Stevie Rae virou-o mais de barriga para baixo para poder tratar do resto da ferida. Ele afundou a cara na toalha e abafou outro gemido. Stevie Rae falava depressa, pois odiava aquele ruído agonizante.

— O buraco por onde a bala saiu nas tuas costas é maior, mas não está tão sujo, pelo que não terei tanto que limpar. — Foi preciso um bocado maior de musgo para tapar o ferimento de saída, mas ela despachou-se depressa.

Depois olhou para as asas dele. A asa do lado esquerdo estava recolhida nas costas. Não parecia ter lesões. A asa do lado direito já era outra história. Estava completamente destroçada — despedaçada e cheia de sangue e pendia-lhe sem vida no flanco.

— Bom, acho que tenho de admitir que isto é muita areia para a minha camioneta. Quer dizer, o ferimento da bala era mau, mas pelo menos eu sabia o que fazer dele — mais ou menos. Não faço ideia do que fazer com a tua asa.

— Liga-a ao corpo. Com as tiras de pano. — A voz saía-lhe rouca e arrastada. Não olhou para ela e ainda tinha os olhos fechados.

— Tens a certeza? Se calhar era melhor não mexer.

— Menos dor — se estiver ligada — arquejou ele.

— Bom, caraças. Está bem. — Stevie Rae começou a rasgar outra toalha em tiras compridas e depois atou-as umas às outras.

— Pronto. Vou pôr a asa contra as tuas costas na mesma posição da outra. Parece-te bem?

Ele assentiu uma vez.

Ela susteve a respiração e pegou-lhe na asa. Ele sacudiu-se e arquejou. Ela largou-a e deu um passo atrás.

— Merda! Desculpa! Caraças!

Ele semicerrou os olhos e fitou-a. Arquejou mas conseguiu dizer:

— Faz isso.

Ela cerrou os dentes, debruçou-se e, tentando não ligar aos gemidos abafados dele, dobrou a asa partida numa posição que se parecia vagamente com a da asa boa. Depois, quase sem parar para respirar, disse:

— Tens de te soerguer um pouco para poder passar os panos à tua volta.

Stevie Rae sentiu-o retesar-se e depois ele levantou-se, apoiado no braço esquerdo, pelo que ficou meio sentado, meio de lado — e o tronco

afastado do chão para ela passar rapidamente as tiras de pano à volta dele e prender a asa.

— Pronto, já está.

Ele deixou-se cair. Todo o corpo lhe tremia.

— Vou ligar o tornozelo agora. Acho que também está partido.

Ele assentiu uma vez.

Ela rasgou mais tiras e depois ligou-lhe o tornozelo surpreendentemente humano, da mesma maneira que o treinador de vólei ligara os tornozelos fracos de uma colega sua, quando ela andava no liceu de Henrietta, a terra das Galinhas Aguerridas.

Galinhas Aguerridas? Pronto, a mascote da terrinha dela sempre fora uma parvoíce mas, naquele momento, Stevie Rae achou-a hilariante, e teve de morder o lábio para não desatar a rir-se histericamente. Felizmente conseguiu dominar-se, respirando fundo, e perguntou-lhe:

— Estás ferido em mais algum sítio?

Ele abanou a cabeça num gesto breve e sincopado.

— Pronto, então vou parar de mexer, acho que já tratei do pior. — Como ele assentiu uma vez, ela sentou-se no chão ao lado dele, a limpar as mãos trémulas a uma das outras toalhas. Ficou ali, a olhar para ele e a pensar no que raio iria fazer a seguir.

— Uma coisa posso dizer — Stevie Rae pensou em voz alta — espero nunca mais ter de ligar outra asa partida, por mais anos que viva.

Ele abriu os olhos, mas não falou.

— Bom, foi um pavor. Essa asa dói mais do que uma perna ou um braço partido, não dói?

Stevie Rae falava porque se sentia uma pilha de nervos, e não esperava que ele respondesse, pelo que ficou admirada quando ele falou.

— Dói.

— Pois, foi o que eu pensei — continuou ela, como se eles fossem duas pessoas normais a conversarem normalmente. A voz dele ainda estava fraca, mas parecia ser-lhe mais fácil falar e ela calculou que a asa ligada o ajudasse a suportar melhor a dor.

— Preciso de mais água — disse ele.

— Ah, claro. — Stevie Rae agarrou na pá, contente por já não lhe tremerem as mãos. Desta vez, ele conseguiu soerguer-se sozinho e deitar a própria cabeça para trás. Ela só teve de deitar a água na boca dele, no bico dele, fosse qual fosse o nome daquilo.

Como já estava de pé, Stevie Rae decidiu que bem podia começar a recolher os bocados de toalha ensanguentada para os levar dali. O olfato dos iniciados vermelhos não era tão apurado quanto o dela, mas também

não estava tão subdesenvolvido quanto o dos iniciados normais. Não queria correr o risco de um deles se pôr a farejar naquela direção. Procurou na arrecadação e encontrou sacos de lixo grandes onde meteu os trapos. Tinham sobrado três toalhas e, sem pensar muito nisso, desdobrou-as e estendeu-as, tapando o máximo possível do Zomba-Corvos.

— És tu a Rubra?

A voz dele assustou-a. Estivera de olhos fechados e tão sossegado enquanto ela arrumava as coisas que parecia ter adormecido, ou até desmaiado. Agora aqueles olhos humanos estavam novamente abertos e fixos nela.

— Não sei que resposta dar a isso. Sou uma vampyra vermelha, se é isso que queres dizer. A primeira vampyra vermelha. — Stevie Rae pensou rapidamente em Stark e nas suas tatuagens vermelhas e preenchidas, o que fazia dele o segundo vampyro vermelho, e em como é que ele iria integrar-se no mundo deles, mas nem por sombras iria falar dele ao Zomba-Corvos.

— És tu a Rubra.

— Bom, pronto, acho que sou.

— Meu pai disse que a Rubra era poderosa.

— Sou poderosa — disse Stevie Rae sem hesitar. Depois susteve o olhar dele e perguntou:

— Teu pai? Referes-te a Kalona?

— Sim.

— Foi-se embora, sabes.

— Sei. — Ele afastou o olhar. — Eu devia estar com ele.

— Sem ofensa mas, do que sei do teu paizinho, acho que é melhor tu estares aqui e ele não. Ele não é exatamente bom tipo. Já para não dizer que a Neferet ficou doida varrida, e os dois são unha com carne podre.

— Falas muito — disse ele, e fez uma careta de dor.

— Pois, é um hábito. — *Hábito nervoso*, mas Stevie Rae não ia dizer isso. — Ouve, tens de descansar. Eu tenho de ir. Aliás, o Sol começou a nascer há cinco minutos, e eu tenho que me abrigar. A única razão para eu poder andar na rua é porque o céu está completamente nublado. — Atou o saco do lixo e pôs o balde de água e a pá onde ele lhes pudesse chegar — *se é que ele conseguia chegar a alguma coisa.*

— Portanto, adeus. Eu, hum, venho cá mais logo. — Stevie Rae começou a afastar-se, mas a voz dele deteve-a.

— O que vais fazer comigo?

— Ainda não descobri essa parte. — Ela suspirou e começou a mexer nas unhas, nervosa. — Ouve, acho que aqui estás seguro pelo menos

um dia. Não há maneira de a tempestade amainar e as freiras não hão de cá vir fazer nada. É provável que todos os iniciados fiquem lá dentro até o Sol se pôr. Nessa altura já saberei o que fazer contigo.

— Ainda não compreendo porque não contas aos outros de mim.

— Pois sim, já somos dois. Tenta descansar. Até logo.

Ela já estava com a mão na maçaneta quando ele tornou a falar.

— Chamo-me Refaim.

Stevie Rae sorriu por cima do ombro para ele.

— Olá, chamo-me Stevie Rae. Gosto em conhecer-te, Refaim.

Refaim viu a Rubra sair da arrecadação. Contou cem respirações depois de a porta se fechar, e depois começou a mexer-se até conseguir sentar-se. Agora que estava completamente consciente, queria fazer o inventário dos ferimentos.

Não tinha o tornozelo partido. Doía-lhe, mas conseguia mexê-lo. Também lhe doíam as costelas mas não lhe parecia tê-las partido. O ferimento de bala no peito era grave, mas a Rubra limpou-o e enchera-o de musgo. Se não infetasse e gangrenasse, poderia sarar. Ele podia mexer o braço direito, embora lhe custasse, e lhe parecesse anormalmente rígido e fraco.

Finalmente, deu atenção à asa. Refaim fechou os olhos e sondou com a mente, seguiu tendões e ligamentos, músculos e ossos, pelas costas abaixo e pela rémige partida. Arquejou, quase sem conseguir respirar, quando abarcou realmente a extensão dos danos do tiro, e depois a terrível queda.

Nunca mais voltaria a voar.

A realidade desta ideia era tão horrorosa que a sua mente fugiu dela. Pensaria na Rubra para disfarçar, e tentaria lembrar-se de tudo o que o Pai lhe contara dos poderes dela. Talvez encontrasse uma pista na sua memória que explicasse o comportamento invulgar dela. Porque é que não o matara? Talvez ainda matasse — ou pelo menos denunciasse a presença dele aos amigos.

Se ela o fizesse, paciência. A vida como ele a conhecia terminara. Não se furtaria à hipótese de morrer a lutar com quem o tentasse manter prisioneiro.

Porém, não parecia que ela o mantinha prisioneiro. Refaim esforçou-se por pensar e desbravar a dor e o cansaço e o desespero. *Stevie Rae*. Assim ela dissera chamar-se. Que motivo teria ela para o salvar se não fosse para o prender e usar? Tortura. Fazia sentido que ela o mantivesse vivo para, junto com os seus aliados, o obrigar a contar tudo o que sabia

sobre o Pai. Que outra razão teria ela para não o matar? Ele teria feito o mesmo, se tivesse tido a sorte de se encontrar no lugar dela.

Ficarão a saber que o filho de um imortal não verga facilmente, pensou ele.

Exausto muito além das reservas da sua força sobre-humana, Refaim tombou. Tentou cair de maneira a ter algum alívio da agonia que lhe assolava o corpo a cada batimento do coração, mas era impossível. Só o tempo lhe poderia aliviar a dor física. Nada poderia aliviar a dor no mais fundo da sua alma de nunca mais poder voar — de nunca mais ser inteiro.

Ela devia ter-me matado, pensou ele. *Talvez a possa provocar a isso, se ela voltar sozinha. E se voltar com os seus aliados e tentar arrancar-me os segredos de meu pai com tortura, não serei o único a berrar de dor.*

Pai? Onde estás? Porque é que me deixaste?

Era a ideia dominante na mente de Refaim quando a inconsciência finalmente a reclamou outra vez para si e ele adormeceu por fim.



NONO CAPÍTULO

Zoey

Ouve, não te esqueças que prometeste à freira que ias para a cama. E tenho a certeza que isso não quer dizer a cama *dele*. — Heath esticou o queixo na direção do quarto de Stark.

Olhei para Heath de sobrolho erguido.

Ele suspirou. — Eu disse que te ia partilhar com os estúpidos dos vampses se tiver de ser, mas não disse que gostava.

Abanei a cabeça. — Tu não *me* vais *partilhar* com ninguém esta noite. Só vou ver se o Stark está bem, e depois vou para a minha cama. Sozinha. Entendido?

— Entendido. — Ele sorriu e depois deu-me um beijo suave.

— Até logo, Zo.

— Até logo, Heath.

Fiquei a vê-lo descer o corredor. Era alto e musculoso e parecia completamente o ponta-de-lança que era. Estava preparado para ir para a universidade com uma bolsa completa no ano que vem, e depois da universidade, ia ser polícia ou bombeiro. Fosse qual fosse a escolha dele, uma coisa era certa — Heath ia ser um dos bons.

Mas poderia fazer isso tudo, *seria capaz* de fazer isso tudo, e também ser consorte de uma Sumo-Sacerdotisa?

Sim, raios me partam, sim. Vou garantir que o Heath tem o futuro com que sonhou e para o qual trabalhou desde que éramos miúdos. Claro, parte desse futuro será diferente. Nenhum de nós previu a parte vampe. Há partes que serão difíceis — como, por exemplo, bem, a parte vampe. Mas a verdade é que gosto demasiado do Heath para o tirar da

minha vida e *também* gosto demasiado dele para lhe estragar a vida. Portanto, vamos ter de tentar que dê certo. Ponto final.

— Vais entrar, ou vais ficar aqui espedada a stressar?

— C'um caraças, Afrodite! Não te importas de não me pregar sustos?

— Ninguém pregou susto nenhum, e «c'um caraças» é algum palavrão? Porque se for, receio que tenha de chamar a Polícia da Boca Porca e mandá-la prender-te. — Dário apareceu atrás de Afrodite e lançou-lhe um olhar que dizia *não sejas mazinha*, ao que ela suspirou e disse:

— Portanto, o Stark ainda não morreu.

— Credo, obrigadinha pela notícia. Fizeste-me sentir muito melhor — retruquei, sarcástica.

— Não sejas chata quando eu estou a tentar não ser mazinha.

Virei-me para o único adulto responsável por ali e perguntei a Dário:

— Ele precisa de alguma coisa?

O guerreiro hesitou apenas um instante, mas não me passou despercebido. Depois ele respondeu:

— Não. Ele está bem. Creio que venha a recuperar completamente.

— *Bem...* — Arrastei a palavra, a pensar no que estaria realmente a passar-se. Será que Stark estava mais ferido do que Dário queria admitir?

— Vou só vê-lo depressinha e depois vou-me deitar. — Olhei para Afrodite de sobrelha erguida. — Tu e eu ficamos juntas. O Dário fica com o Damien e o Jack. Hum, significa que não dormes com ele senão as freiras passam-se. Percebeste isso, não percebeste?

— Oh, não, não era mesmo nada preciso que me fizesses um sermão tipo *Anne e a sua aldeia*! Como se eu não me soubesse portar decentemente! Estás a esquecer-te de que os meus pais compraram a decência e trouxeram-na para Tulsa? O meu pai é que é o presidente da câmara. Não acredito que tenho de aturar estas merdas.

Eu e Dário ficámos a olhar, estarecidos, para Afrodite a fazer uma birra dos diabos.

— Eu ouvi a parva da freira. Aliás, não é que esta abadia seja um sítio romântico. Como se eu quisesse fazer sexo desalmado enquanto os pinguns se benzem e rezam! Que nojo. Nem pensar. Minha Deusa! Ainda derreto se ficar aqui muito tempo.

Quando ela se calou para respirar, aproveitei:

— Eu não queria dizer que tu não sabes portar-te decentemente. Estava só a lembrar-te, mais nada.

— Ai sim? Tretas. És mesmo péssima a mentir, Z. — Afrodite foi ter com Dário e pespegou-lhe um beijo na boca.

— Até logo, jeitoso. Vou sentir a tua falta na cama. — E lançou-me um olhar de desagrado. — Vai lá despedir-te do namorado número três e depois zarpa para o nosso quarto. Não gosto que me acordem depois de me retirar para os meus aposentos. — Afrodite sacudiu aquele cabelo comprido, lindo e louro e pavoneou-se dali para fora.

— Ela é mesmo espantosa — comentou Dário, com uma expressão adoradora no rosto ao vê-la desaparecer pelo corredor fora.

— Se com espantosa queres dizer uma seca do outro mundo, terei de concordar contigo. — Levantei uma mão, para impedir a deixa «ela não é assim tão má» que ele só poderia ter.

— Não quero falar da tua namorada agora. Só quero saber como está o Stark.

— O Stark está a sarar.

Quase se via no ar a lacuna no meio desta afirmação. Olhei para o guerreiro com ar interrogativo.

— Mas...

— Mas nada. O Stark está a sarar.

— Porque é que me parece haver mais qualquer coisa nisso?

Dário aguardou e depois sorriu com ar encabulado.

— Talvez porque és intuitiva e sentes que há mais qualquer coisa.

— Pronto, de que se trata?

— Trata-se de energia e espírito e sangue. Ou da necessidade e da falta que o Stark tem disso.

Pisquei os olhos, a tentar compreender ao certo o que Dário dizia, e depois sorvi ar como se uma lâmpada dentro da minha cabeça se acendesse, e senti-me uma perfeita idiota por não ter previsto aquilo.

— Ele ficou ferido — como eu — e tem de beber sangue para sarar, tal como eu tive. Bem, porque é que não dizias nada? Caraças! — Continuei a tagarelar enquanto a cabeça dava voltas:

— Não quero particularmente que ele morda a Afrodite, mas...

— Não! — Interrompeu Dário, com um ar bastante aborrecido pela ideia de Stark lhe morder a namorada.

— A Impressão da Afrodite com a Stevie Rae faz com que o sangue dela seja repugnante para os outros vampyros.

— Raios me partam! Vamos buscar-lhe uma bolsa de sangue ou coisa assim, e acho que consigo encontrar um humano para ele morder... — Emudeci. Odiava, detestava, abominava, pensar em Stark a morder outra pessoa. Quer dizer, já tivera de aturar as mordidelas extracurriculares dele antes de se me ter prometido como Guerreiro, e passado pela Mudança. Tivera esperanças de que os tempos em que ele mordia raparigas tivessem

ficado para trás. Ainda tinha esperanças! Mas não seria egoísta ao ponto de os meus sentimentos o impedirem de ter o que precisava para sarar.

— Já lhe dei algum sangue que as irmãs tinham congelado na enfermaria. Ele não corre perigo de morrer. Há de recuperar.

— *Mas?* — Exasperava-me que a conversa de Dário estivesse cheia de lacunas.

— Mas quando um Guerreiro presta juramento a uma Sumo-Sacerdotisa, há um elo especial entre eles.

— Pois, já sei disso.

— Esse elo é mais do que um juramento. Desde tempos de antanho que Nyx abençoa as suas Sumo-Sacerdotisas e os Guerreiros que as servem. Vocês dois estão ligados pela bênção da Deusa. Isso dá-lhe um conhecimento intuitivo sobre ti que facilita a proteção que ele te dá.

— Conhecimento intuitivo? Queres dizer como uma Impressão? — *Minha Deusa! Ai que eu tinha Impressão com dois homens!*

— Impressão e Elo com um Guerreiro são conceitos semelhantes. Ambos unem dois entes. Mas a Impressão é uma forma mais imperfeita de ligação.

— Mais imperfeita? O que quer isso dizer?

— Quer dizer que, embora seja habitual ocorrer Impressão entre uma vampyra e um humano que ela aprecie profundamente, é uma ligação que começa no sangue e que se rege pelas emoções mais simples: paixão, desejo, fome, dor. — Dário hesitou, a tentar escolher as palavras. — Já sentiste algo disso com o teu consorte, não já?

Assenti rigidamente e senti-me corar.

— Compara essa ligação com o Elo do Juramento que o Stark te fez.

— Bem, não foi assim há tanto tempo. Não sei grande coisa sobre isso. — Porém, mal acabei de falar, apercebi-me de que já sabia que a ligação que eu tinha com Stark ia além do desejo de sangue. Aliás, nem sequer me passara pela cabeça beber do sangue dele — ou ele beber do meu.

— À medida que o teu Guerreiro te servir, melhor compreenderás. A tua ligação ao teu Guerreiro significa que ele pode ganhar a capacidade de sentir muitas das tuas emoções. Por exemplo, se uma Sumo-Sacerdotisa se sentir repentinamente ameaçada, o Guerreiro ligado a ela pode sentir-lhe o medo, e seguir esse rasto emocional até ela, para a poder proteger do que a estiver a ameaçar.

— Não-não sabia disso — gaguejei, toda nervosa.

Dário fez um sorriso torto.

— Não quero nada armar-me em Damien, mas devias mesmo arranjar tempo para estudar o *Manual do Iniciado*.

— Pois sim, está em primeiro lugar na minha lista assim que o meu mundo parar de explodir. Portanto, o Stark poderá saber ver que eu tenho medo. O que tem isso a ver com o ferimento dele?

— A vossa ligação não é assim tão simples, não é meramente a possibilidade de ele sentir o teu medo. Também se trata de energia e espírito. O teu Guerreiro poderá acabar por sentir muitas das tuas emoções mais fortes, especialmente por passar cada vez mais tempo ao teu serviço.

A rememoração da experiência altamente emocional que eu partilhara com A-ya enquanto ela estivera presa com Kalona causou-me um aperto no estômago, enquanto Dário explicava.

— Continua — pedi-lhe.

— Um Guerreiro pode absorver as emoções da sua Sacerdotisa. Também pode absorver espírito a partir dela, especialmente se a sua Sacerdotisa tiver uma afinidade forte. E, não raro, pode recorrer a essa afinidade.

— Mas que raio quer isso dizer, Dário?

— Quer dizer que ele pode, literalmente, absorver energia pelo teu sangue.

— Estás a dizer que o Stark tem de me morder a mim? — Admito que o meu coração começou a bater mais forte só de pensar. A sério — eu já me sentia superatraída por Stark, e sabia que partilhar sangue com ele só poderia ser uma experiência muito sensual.

E também daria um desgosto a Heath, e se, ao deixar Stark beber do meu sangue, ele entrasse na minha cabeça e visse as minhas memórias de A-ya? Raios me partam! Raios me abrasem! Depois ocorreu-me outra ideia.

— Espera aí. Tu disseste que o Stark não pode morder a Afrodite porque ela tem Impressão com outra pessoa e os outros vampes não querem o sangue dela. Eu tenho Impressão com o Heath. Fico com o sangue estragado para o Stark?

Dário abanou a cabeça. — Não, a Impressão só altera o sangue do humano.

— Então o meu serve para o Stark?

— Sim, o teu sangue ajudá-lo-á a sarar, e ele sabe disso, e por isso é que estou a explicar isto tudo. — Dário prosseguiu, como se não me estivesse a dar uma coisinha má ali à frente dele. — E também ficas a saber que ele se recusa a beber de ti.

— *O quê?* Ele *recusa-se* a beber de mim? — Pronto, segundos antes eu ficara ralada com o que poderia acontecer se Stark me mordesse, mas isso não queria dizer que quisesse ser rejeitada!

— Ele sabe que mal saraste ainda do ataque do Zomba-Corvos. A criatura quase te matou, Zoey. O Stark não quer tirar nada que te possa enfraquecer. Se ele beber de ti, não estará só a absorver sangue, mas também energia e espírito. Juntemos a isso que nenhum de nós sabe para onde foram Kalona e Neferet, e não sabemos quando terás de os enfrentar outra vez. Concordo com a decisão dele de se recusar a beber. Tens de estar no auge das tuas forças.

— O meu Guerreiro também — contrapus.

Dário suspirou e assentiu devagar.

— Concordo, mas para ele pode arranjar-se substituto. Para ti, não.

— Não se pode arranjar substituto coisíssima nenhuma! — Ex-clamei.

— Não quis parecer insensível, mas tens de usar sabedoria — em *todas* as tuas decisões.

— Não há substituto para o Stark — repeti teimosamente.

— Como te aprouver, Sacerdotisa. — Dário curvou ligeiramente a cabeça e depois mudou de assunto abruptamente.

— Agora que compreendes as repercussões do juramento de um Guerreiro, quero pedir-te autorização para prestar juramento formalmente.

Engoli em seco.

— Bem, Dário, gosto mesmo de ti e tens tomado muito bem conta de mim, mas acho que deve ser constrangedor ter dois prometidos. — Como se eu já não tivesse problemas que chegassem com rapazes!

O sorriso de Dário não se fez esperar. Abanou a cabeça e tive a distinta impressão que ele tentava não se rir de mim.

— Compreendeste-me mal. Ficarei contigo e poderei ser o líder dos que te guardam, mas gostaria de prestar Juramento de Guerreiro a Afrodite — é para isso que te peço autorização.

— Queres ficar ligado à Afrodite?

— Quero. Sei que é irregular que um Guerreiro vampyro se prometa a uma humana, mas a Afrodite não é uma humana normal.

— A quem o dizes — resmunguei. Ele continuou como se eu nada dissesse.

— Ela é verdadeiramente uma profetisa, o que a eleva à mesma categoria de Sumo-Sacerdotisa de Nyx.

— E não estraga o teu elo de Guerreiro que ela tenha Impressão com Stevie Rae?

Dário encolheu os ombros. — Veremos. Estou disposto a correr o risco.

— Tu ama-la, não é?

Ele encarou-me com firmeza e sorriu calorosamente.

— Amo.

— Ela é uma seca do outro mundo.

— Ela é única — contrapôs ele. — E precisa da minha proteção, especialmente nos dias que se avizinham.

— Bem, lá nisso tens razão. — Encolhi os ombros. — Pronto, tens autorização. Mas depois não digas que não te avisei de ela ser uma seca.

— Nem me passaria pela cabeça. Obrigado, Sacerdotisa. Por favor, não contes à Afrodite. Gostaria de lhe prestar juramento em privado.

— Sou um túmulo. — E fingi que tinha um fecho na boca.

— Então desejo-te boa noite. — Dário levou o punho ao coração, curvou a cabeça, e foi-se.



DÉCIMO CAPÍTULO

Zoey

Fiquei no corredor, a tentar deslindar a trapalhada que me ia na cabeça.

Ena! Dário ia pedir a Afrodite que aceitasse o seu Juramento de Guerreiro. Credo. Um guerreiro vampyro e uma humana profetisa da Deusa. Hum. Quem diria?

Coisa igualmente aberrante: Stark podia sentir as minhas emoções se tivessem força suficiente. Bem, eu tinha um *forte* pressentimento de que isto ia ser inconveniente. E depois apercebi-me de que estava a ter uma emoção forte por ter emoções fortes, e tentei reprimir tudo, o que só me deixou mais stressada, coisa que ele provavelmente sentiria. Era indubitável que eu ia dar comigo mesma em doida.

Abafei um suspiro e abri a porta em silêncio. A única luz era a de uma vela votiva grande — daquelas que se podem comprar em qualquer lado mas que têm imagens esquisitas nelas. Aquela não era assim tão esquisita. Era cor-de-rosa, e tinha uma imagem bonita de Maria, e cheirava a rosas.

Fui pé ante pé até à cama de Stark.

Ele não estava com bom aspeto, mas já não estava tão pálido quanto antes. Parecia estar a dormir — pelo menos tinha os olhos fechados — respirava com regularidade e parecia descontraído. Não tinha camisa, e o lençol da enfermaria tapava-o até debaixo dos braços, pelo que se via a parte branca do que devia ser uma ligadura enorme a rodear-lhe o tronco. Lembrei-me do pavor que fora a queimadura e, mesmo pensando nas consequências possíveis, eu deveria fazer um corte no braço como Heath fizera para mim, e depois encostá-lo à boca dele. Era provável que ele o

agarrasse logo sem pensar, e que bebesse o que precisava para sarar. Mas ficaria zangado quando percebesse o que fizera? Era provável. Heath e Erik também ficariam.

Caraças. Erik. Eu ainda nem começara a pensar em como lidaria com ele.

— Para de stressar.

Assustei-me e olhei logo para a cara de Stark. Já não tinha os olhos fechados. Observava-me com uma expressão entre o divertido e o sarcástico.

— Para de cuscar psiquicamente.

— Não estava. Sei dizer pela maneira como mordes o lábio que estavas a stressar. Portanto, o Diário deve ter falado contigo.

— Pois falou. Sabias de tudo o que implica prestar Juramento de Guerreiro como fizeste comigo?

— A maioria das coisas, sim. Quer dizer, demos isso na escola, em Sociologia, o ano passado. Mas é diferente quando se passa por isso.

— Consegues sentir o que eu sinto? — Perguntei, hesitante, quase com tanto medo de saber a verdade como de não saber.

— Começo a conseguir, só que não é que possa ouvir o que pensas, nem nada louco assim. Por vezes, sinto coisas, e sei que não vêm de mim. Não liguei quando começou a acontecer, mas depois apercebi-me do que era e tomei mais atenção. — Stark começou a sorrir.

— Stark, devo dizer-te que me sinto espiada.

Ele fez um semblante completamente sério.

— Não te estou a espiar. Não se trata de te espiar com a minha mente. Não vou invadir a tua privacidade; vou manter-te a salvo. Pensei que tu... — Calou-se e deixou de olhar para mim. — Deixa lá. Não tem importância. Fica sabendo apenas que não vou usar esta coisa entre nós para ser taradinho e perseguir-te mentalmente.

— Pensaste que eu o quê? Termina o que ias dizer.

Ele exalou com ar exasperado e tornou a fitar-me.

— Ia dizer que pensei que confiavas em mim mais do que isso. Foi uma das razões para te prestar juramento, porque tu confiaste em mim quando mais ninguém o queria fazer.

— Mas eu confio em ti — disse eu rapidamente.

— Mas achas que eu te espiaria? Confiança e espionagem não andam a par.

Desta perspetiva, eu compreendia o que ele queria dizer, e parte do meu stresse começou a desvanecer-se.

— Não me parece que o fizesses de propósito mas, se as minhas emo-

ções tagarelarem contigo, ou seja lá o que for, seria fácil para ti, bem... — Calei-me, constrangida com esta conversa toda.

— *Espiar?* — Ele terminou a minha frase. — Não. Não vou espionar nada. Vai ser assim: vou tomar atenção à tua psique se estiveres assustada. Tirando isso, não vou ligar ao que sentes. — Fitou-me e vi-lhe a mágoa nos olhos. Caraças! Não queria nada magoá-lo.

— Não vais ligar a *nada* do que eu sinta? — Perguntei baixinho.

Ele assentiu e o gesto fê-lo acusar a dor, mas a voz saiu-lhe firme quando respondeu.

— Nada que eu não precise de saber para te proteger.

Sem falar, estendi a mão e peguei na dele.

Ele não a tirou, mas também não disse nada.

— Ouve, comecei mal esta conversa. Eu confio em ti. Só fiquei admirada quando o Dário me contou da parte psíquica.

— Admirada? — Os lábios de Stark começaram a curvar-se.

— Completamente passada será mais verdade. É que tenho montes de coisas com que me ralar, e acho que ando a stressar.

— Andas a stressar de certezinha — disse ele. — *Montes de coisas* traduz-se naqueles dois, o Heath e o Erik?

Suspirei. — Infelizmente, sim.

Ele entrelaçou os dedos nos meus.

— Esses tipos não mudam nada. O meu Juramento vincula-nos.

Por um segundo, Stark pareceu-se tanto com Heath que tive de me obrigar a manter a calma.

— Não quero mesmo nada falar sobre eles contigo agora. — *Nem nunca*, pensei, mas não disse.

— Percebo — disse ele. — Também não me apetece falar sobre esses malandros agora. — Puxou-me a mão. — Porque não te sentas ao pé de mim um bocadinho?

Sentei-me com todo o cuidado na beira da cama, pois não queria sacudi-lo nem magoá-lo.

— Não me vou escangalhar — disse ele, e fez-me o seu sorriso convencido.

— Quase te escangalhaste — disse eu.

— Ná, salvaste-me. E vou ficar bem.

— Então, dói muito?

— Já estive melhor — respondeu. — Mas a pomada que as freiras deram ao Dário para pôr na queimadura ajuda. Tirando ter o peito todo apertado, estou praticamente dormente. — Porém, Stark mexia-se inquieto, como se não conseguisse arranjar posição.

— Como estão as coisas lá fora? — Mudou abruptamente de assunto antes que eu pudesse perguntar mais sobre o estado dele. — Os Zomba-Corvos fugiram todos com Kalona?

— Acho que sim. A Stevie Rae e os rapazes encontraram três mortos. — Calei-me, a pensar na estranha reação de Stevie Rae quando Dallas lhe dissera ter posto os cadáveres nos contentores do lixo.

— O que foi? — Perguntou Stark.

— Não sei bem — respondi com sinceridade. — Há coisas a passarem-se com a Stevie Rae que me deixam ralada.

— Por exemplo? — Instou ele.

Olhei para as nossas mãos dadas. Quanto é que lhe poderia contar? Poderia mesmo conversar com ele?

— Sou o teu Guerreiro. Podes confiar-me a tua vida. Significa isso que também me podes confiar os teus segredos. — Fitei-o e ele continuou, a sorrir docemente para mim. — O Juramento a isso nos obriga. É um laço mais forte do que quando há Impressão ou entre parceiros. Nunca te trairei, Zoey. Jamais. Podes contar comigo.

Por instantes, quis contar-lhe da minha memória de A-ya, mas saiu-me outra coisa.

— Acho que a Stevie Rae está a esconder iniciados vermelhos. Maus.

O sorriso descontráído dele foi-se e ele começou a sentar-se na cama, mas depois sorveu ar e ficou completamente sem cor.

— Não! Não podes levantar-te! — Empurrei-lhe os ombros suavemente para baixo.

— Tens de contar ao Dário — disse Stark entre dentes.

— Tenho de falar com a Stevie Rae primeiro.

— Não me parece que seja...

— A sério! Tenho de falar com a Stevie Rae primeiro. — Peguei-lhe outra vez na mão, a tentar convencê-lo com o toque. — Ela é a minha melhor amiga.

— Confias nela?

— Quero confiar nela. Tenho confiado nela. — Os ombros descaíram-me, senti-me derrotada. — Mas se ela não me contar a verdade quando eu a confrontar, falarei com o Dário.

— Preciso de sair desta maldita cama para garantir que não estejas rodeada de inimigos!

— Não estou rodeada de inimigos! A Stevie Rae não é minha inimiga. — Pedi silenciosamente a Nyx que me desse razão nisto.

— Ouve, já escondi coisas aos meus amigos — coisas más. — E lancei-lhe um olhar cheio de significado. — Escondi-te a *ti* dos meus amigos.

Ele sorriu. — Ora, isso é diferente.

Não deixei que ele me provocasse.

— Não é nada.

— Pronto, compreendo o que dizes, mas ainda não aceito. E calculo que não tragas cá a Stevie Rae quando falares com ela?

Olhei-o de cenho franzido. — Não é provável.

— Então promete-me que terás cuidado e que não vais falar com ela sozinha.

— Ela não me faria mal nenhum!

— Aliás, ela não te poderia fazer mal nenhum, já que tu contro-las cinco elementos e ela apenas um. Mas não sei que tipo de poderes podem ter os iniciados que ela esconde, nem quantos são. E sei como é ser iniciado vermelho mauzinho, portanto, promete que terás cuidado.

— Pronto, sim, prometo.

— Ótimo. — Ele descontraíu-se um pouco na cama.

— Ouve, não quero que te rales comigo agora. Só tens de te concentrar em melhorar. — Respirei fundo para me fortalecer e continuei:

— Creio ser boa ideia que bebas do meu sangue.

— Não.

— Ouve, tu queres ser capaz de me proteger, não queres?

— Quero — disse ele, e assentiu, muito tenso.

— Isso significa que tens de melhorar depressa. Não é?

— Pois.

— E vais melhorar mais depressa se beberes de mim, portanto é lógico que o faças.

— Tens-te visto ao espelho ultimamente? — Perguntou ele abruptamente.

— Hã?

— Fazes ideia do quanto pareces esgotada?

Senti as faces começarem a arder.

— Ultimamente não tenho tido tempo de me ralar com pinturas e penteados — disse, na defensiva.

— Quero lá saber de pinturas e penteados. Estou a falar do quanto estás pálida. Tens olheiras fundas. — O olhar dele passou para onde a blusa me tapava a cicatriz que ia de um ombro a outro.

— Como está o teu corte?

— Bom. — Com a mão livre, puxei a blusa para cima, embora soubesse que a cicatriz não se via.

— Então? — Disse ele suavemente. — Já vi, lembras-te?

Fitei-o. Sim, lembrava-me. Aliás, ele não vira só a cicatriz — vira-me toda. Nua. Pronto, agora é que sentia a cara a arder.

— Não o digo para teres vergonha. Estou a tentar recordar-te que quase morreste há pouco tempo também. Precisamos que estejas bem e forte, Zoey. *Eu* preciso que estejas bem e forte. E por isso é que não vou tirar-te nada neste momento.

— Mas eu também preciso que estejas bem e forte.

— E estarei. Não te rales comigo. Parece que é quase impossível matar-me. — E brindou-me com o seu sorriso mais convencido.

— Não te esqueças do meu stresse. *Quase* impossível não é o mesmo que impossível.

— Tentarei não me esquecer. — Puxou-me a mão. — Deita-te aqui ao meu lado um bocadinho. Gosto quando estás perto.

— Tens a certeza de que não vai fazer mal?

— Vai fazer mal de certezinha — ele sorriu e as palavras eram uma provocação — mas ainda te quero comigo. Anda cá.

Deixei-o puxar-me para baixo para ficar deitada ao lado dele. Enrolei-me de frente para ele, pousei a cabeça com todo o cuidado no ombro dele. Ele pôs um braço por cima de mim, e puxou-me para si com mais firmeza.

— Eu disse que não me vou escangalhar. Agora descontraí-te.

Suspirei e obriguei-me a soltar-me. Abracei-o pela cintura, com o cuidado de não o abanar nem lhe tocar no peito. Stark fechou os olhos e vi-lhe o rosto passar de tenso e pálido a descontraído e pálido, e a respiração aprofundou-se. Juro que adormeceu num minuto.

Era assim exatamente que eu o queria para fazer uma coisa. Respirei fundo três vezes para ganhar clareza e concentração, e depois sussurrei:

— Espírito, vem a mim.

Senti de imediato aquela agitação sobejamente conhecida dentro de mim, como se acabasse de compreender algo incrivelmente mágico, e a minha alma reagiu à plenitude do quinto elemento, o espírito.

— Agora, com cuidado, em sossego, vai para o Stark. Ajuda-o. Percorre-o. Fortalece-o, *mas não o acordes*. — Falei baixinho, a fazer fílgas mentais para ele continuar a dormir. Quando o espírito saiu do meu corpo, senti o de Stark retesar-se um bocadinho, ele estremeceu e depois soltou um suspiro longo e sonolento enquanto o espírito o acalmava e, espero eu, fortalecia. Fiquei a olhar mais um bocadinho; depois, devagar, soltei-me dos braços dele e, com um último suspiro a pedir ao espírito que velasse pelo sono dele, saí do quarto em bicos dos pés e fechei a porta devagarinho atrás de mim.

Dera dois passos quando me apercebi de que não sabia para onde ir. Parei e senti os ombros descaírem-me. Uma freira, que andava com os olhos no chão, passou apressada por mim e assustou-se um bocadinho quando nos entreolhámos.

— Irmã Bianca? — Pareceu-me tê-la reconhecido.

— Oh, Zoey, sou eu, sim. Está tão escuro no corredor que quase nem a vi.

— Irmã, acho que estou perdida. Não se importa de me dizer onde é o meu quarto?

Ela sorriu bondosamente, fazendo-me lembrar a Irmã Mary Angela, embora não fosse tão idosa.

— Continue por este corredor até às escadas. Suba ao último andar, e creio que o quarto onde fica com a Afrodite é o número treze.

— Treze da sorte — suspirei. — Era de prever.

— Não acredita que fazemos a nossa própria sorte?

Encolhi os ombros. — Irmã, estou tão cansada que nem sei em que acredito.

Ela deu-me palmadinhas no braço.

— Vá lá deitar-se. Eu rezarei a Nossa Senhora por si. A intervenção dela é melhor do que a sorte.

— Obrigada.

Fui para as escadas. Quando cheguei ao andar de cima já sorvia ar como uma velha, e a cicatriz que me cortava o peito ardia e latejava ao ritmo acelerado do meu coração. Abri a porta, saí para o corredor e encostei-me pesadamente à parede, a tentar recobrar o fôlego. Absorta, esfreguei o peito, e encolhi-me porque estava mesmo dorido. Puxei o colarinho da blusa para baixo, na esperança de que a estúpida da ferida não se tivesse aberto outra vez. Fiquei outra vez sem fôlego quando vi a nova tatuagem que decorava a costura saliente de cada lado.

— Já me tinha esquecido disto — sussurrei para mim própria.

— É espantosa!

Com um gritinho larguei o colarinho e dei um salto atrás tão depressa que bati com a cabeça na parede.

— Erik!



DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

Zoey

Achei que sabias que eu estaria aqui. Não me estava a tentar esconder. — Erik estava encostado a poucos metros, ao lado de uma porta com um número treze em metal. Endireitou-se e, com o seu sorriso de estrela de cinema, veio ter comigo.

— Caraças, Z, estou à tua espera há séculos. — Inclinou-se e, antes que eu dissesse palavra, pespegou-me um grande beijo na boca.

Empurrei-lhe o peito e esgueirei-me do abraço que ele me começava a dar.

— Erik, não estou com disposição para beijos.

Ele levantou uma sobrancelha escura.

— Ai não? E foi isso que disseste ao Heath?

— É que não vou *mesmo* falar sobre isso agora.

— Então quando? Da próxima vez que eu tiver de te ver beber do teu namorado humano?

— Sabes que mais? Tens razão. Vamos falar sobre isso agora. — Sentia-me cada vez mais irritada, e não era só por estar cansada e stressada e Erik estar a ser completamente insensível. Estava fartinha de Erik ser tão possessivo. Ponto final.

— O Heath e eu temos Impressão. Ou aguentas isso ou não. E esta é a única discussão que vamos ter sobre isso.

Vi-lhe o semblante ficar completamente zangado mas, de repente, ele dominou o mau génio. Descaiu os ombros e soltou um longo suspiro que terminou numa espécie de riso.

— Pareces mesmo uma Sumo-Sacerdotisa.

— Pois não me sinto nada como uma.

— Desculpa lá. — Estendeu a mão e afastou uma madeixa do meu cabelo. — Nyx deu-te tatuagens novas, não foi?

— Foi. — Ato contínuo, tornei a agarrar no colarinho da blusa e a encostar-me à parede para ficar fora do alcance dele.

— Aconteceu quando Kalona foi banido.

— Não te importas que eu veja?

A voz dele era funda e sedutora — o tom perfeito para um namorado. Porém, antes que ele se aproximasse e pensasse que me podia puxar o colarinho para baixo, levantei a mão como um sinal de STOP.

— Agora não. Só quero ir dormir, Erik.

Ele parou de avançar e encarou-me com olhos semicerrados.

— Como está o Stark?

— Ferido. Bastante. Mas o Dário diz que ele vai ficar bem. — Falei em voz neutra. A maneira dele estava a deixar-me mesmo na defensiva.

— E vieste agora do quarto dele, não foi?

— Foi.

Claramente frustrado, ele passou a mão pelo cabelo preto e grosso.

— É muita coisa.

— Hã?

Erik deixou os braços caírem ao longo do corpo, no que me pareceu um bem ensaiado gesto dramático.

— Estes gajos todos! Tenho de aturar o Heath porque é teu consorte e, mesmo quando me estou a tentar habituar, aparece *outro* — Stark. — Erik disse o nome dele com desdém.

— Erik, eu...

Como se eu não tivesse dito nada, ele continuou a barafustar.

— Pois, jurou ser teu Guerreiro. Eu sei o que isso significa! Vai estar sempre contigo.

— Erik — Tentei novamente dizer algo, mas ele nem percebeu.

— Portanto, vou ter de aturá-lo *também*. E, como se não bastasse, é óbvio que há qualquer coisa entre ti e Kalona! Vá lá! Toda a gente viu como ele olha para ti. — E galhofou. — Como se isso não me fizesse lembrar do Blake!

— Para. — Falei baixinho, mas a raiva e a irritação que se acumulavam dentro de mim explodiram com o sarcasmo dele a falar de Kalona, e o espírito, que eu há pouco conjurara, encheu a palavra com tal poder que Erik, de olhos arregalados, deu um passo atrás.

— Vamos acabar com isto — continuei. — Tu *não* tens de aturar mais gajo nenhum porque a partir deste momento eu e tu *não* andamos.

— Eu não disse...

— Não! É a minha vez de falar. Acabou, Erik. És demasiado possessivo, e mesmo que eu não estivesse exausta e com a cabeça em água — duas coisas que parecem não te interessar nada — ainda não estaria disposta a tolerar as tuas tretas.

— Depois de tudo o que me fizeste passar, achas que podes dar-me tampa desta maneira?

— Não. — Senti o espírito girar à minha volta e canalizei-o para as palavras seguintes; avancei e encostei Erik contra a parede.

— Não acho nada. Sei como é que vai ser. Acabou. Agora tens de te ir embora antes que eu faça algo de que poderei, daqui a cinquenta anos, vir a arrepender-me. — Empurrei com força de propósito com o poder do elemento que fluía dentro de mim, e Erik tropeçou.

Ficara completamente branco.

— Mas que raio te aconteceu? Eras tão doce. Agora és uma aberração! E estou farto que me enganes com toda a gente que tenha pila. Fica com o Stark e o Heath e o Kalona. Eles merecem-te! — Passou por mim, furibundo, e bateu com a porta da escada.

Igualmente zangada, marchei para o quarto número treze e escancarei a porta.

E Afrodite quase caiu de cara no chão.

— Ups — disse ela, e passou os dedos pelo cabelo sempre perfeito.

— Acho que estava a...

— A ouvir a cena do meu rompimento com Erik? — Terminei-lhe a deixa.

— Pois, era mais ou menos isso que eu estava a fazer. E deixa-me dizer que não te censuro. Mas que pirete. Além disso, tu não o enganas com toda a gente que tenha pila. Tu e o Dário são só amigos. Depois há o Damien e o Jack... Bem, eles não contam, visto que também gostam de pila. Mesmo assim, foi um exagero ridículo.

— Não me estás a fazer sentir nada melhor. — Deixei-me cair na cama que não estava toda revolvida e obviamente acabada de fazer.

— Desculpa. Não sou assim grande coisa na parte de «fazer alguém sentir-se melhor».

— Então ouviste aquilo tudo?

— Pois.

— Até a parte sobre Kalona?

— Sim e, mais uma vez lhe chamo pirete.

— Afrodite, mas que raio é um pirete?

Ela revirou os olhos exageradamente.

— Um pirete é o que o Erik é, totó. Seja como for, como estava a tentar dizer antes de interromperes, não foi nada fixe que ele falasse em Kalona. Mais, ele já tinha provas suficientes para aquela insegurança estúpida com o Heath e o Stark. Não era nada necessário falar no passarão.

— Eu não o *amo*.

— Claro que não. O Erik já é passado. Agora sugiro que durmas qualquer coisa. A Deusa sabe que detesto apontar o dedo, mas estás com péssimo aspeto.

— Obrigadinha, Afrodite. Ajuda-me mesmo neste momento saber que estou tão mal como me sinto — disse eu, sarcástica, a evitar completamente o facto de, quando disse que não o amava, me referir a Kalona e não a Erik.

— Ao dispor. Estou aqui para ajudar.

Estava eu a tentar arranjar uma resposta torta quando reparei no que ela tinha vestido, e saiu-me uma gargalhada inesperada. Afrodite, Rainha da Moda, trajava uma camisa de dormir de algodão branco que a tapava do pescoço aos pés. Como se estivesse armada em Amish.

— Hum, o que é essa coisa mai'linda que tens vestida?

— Nem comeces. Isto é o que os pinguins pensam que se usa para dormir. Bom, quase os compreendo. Quer dizer, fazem aqueles estúpidos votos de castidade, e se usarem isto para dormir, o voto fica praticamente desnecessário. A sério. Isto quase me faz ficar feia.

— Quase? — Tive de me rir.

— Sim, espertalhona, *quase*. E, antes que fiques toda contente, olha para ali. Aquela coisa dobrada ao fundo da cama não é outro lençol. É a tua alta-costura para dormir.

— Enfim, ao menos parece confortável.

— O conforto é para as parvas e as feias.

Enquanto Afrodite se ajeitava presunçosamente na cama, fui ao lavatório no canto do quarto, lavei a cara, e tirei uma escova nova da embalagem para lavar os dentes. Com o maior desprendimento possível, perguntei:

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Força — respondeu ela, a afofar as almofadas.

— É uma pergunta séria.

— E depois?

— E depois preciso de uma resposta séria.

— Pois sim, tanto faz. Pergunta — disse ela com descaso.

— Já tinhas dito que o Erik era possessivo.

— Isso não é uma pergunta — observou ela.

Ergui o sobrolho ao espelho para ela ver. Afrodite suspirou.

— Pronto, sim, o Erik era um carracento de grau cinco.

— Hã?

Ela suspirou. — Carracento. De grau cinco. Nada, nada fixe.

— Afrodite, que língua é essa?

— Americano adolescês. Classe altíssima. Podias falar também, com uma beca de imaginação e algumas asneiras a sério.

— Que a Deusa me ajude — resmunguei para o meu reflexo, e continuei. — Portanto o Erik também era possessivo contigo.

— Foi o que acabei de dizer.

— E isso irritava-te?

— De certezinha. Em suma, fez com que acabássemos.

Pus pasta na escova.

— Então irritava-te. Tu e o Erik acabaram, mas tu estavas, mesmo assim, hum, bem... — Mordi o lábio um segundo e tentei outra vez. — Eu vi-te com ele e tu estavas, hum...

— Oh, pelo amor da santa! Podes dizer que não te cai um raio em cima. Tu viste-me a querer comê-lo.

— Hum, pois — disse eu, constrangida.

— Também não é uma pergunta.

— Pronto! Eis a pergunta: tu tinhas acabado com ele por causa de ele ser um imbecil possessivo, mas ainda estavas a tentar estar com ele, a ponto de até fazeres *isso*. Não percebo porquê — saiu-me de rajada e meti a escova de dentes na boca.

Vi o reflexo de Afrodite no espelho e como as faces dela coraram que nem um tomate. Afrodite sacudiu o cabelo para trás. Pigarreou. Depois encarou-me ao espelho.

— Não era por querer o Erik. Era por querer controlo.

— Hã? — Disse eu, com a boca cheia de pasta de dentes.

— As coisas tinham começado a mudar na escola ainda antes de tu apareceres.

Cuspi e bochechei.

— Que coisas?

— Eu sabia que algo se passava com a Neferet. Incomodava-me, e era esquisito.

Limpei a boca e fui para a minha cama; aproveitei ter de me descalçar, despir, vestir a camisa de noite de algodão macio, e meter-me na cama como desculpa para estar calada, enquanto tentava descortinar como transmitir o que me passava pela cabeça. Porém, sem que eu dissesse nada, Afrodite continuou:

— Sabes que eu escondia as visões que tinha da Neferet, não sabes?
Assenti. — E morreram humanos por causa disso.

— Pois, tens razão. Morreram. E a Neferet não se ralou. Via-se bem. Foi quando me comecei a sentir esquisita. E foi quando a minha vida começou a desabar. E eu não queria. Queria continuar a ser a cabra mandona, que um dia seria Sumo-Sacerdotisa e, de preferência, mandaria no mundo. Depois poderia mandar a minha mãe para o diabo que a carregue — e talvez ser tão poderosa que lhe pudesse pregar um susto como ela merece. — Afrodite exalou longamente. — As coisas não correram como eu queria.

— Em contrapartida, deste ouvidos a Nyx — disse eu baixinho.

— Bom, a princípio tentei continuar rainha do cabredo do meu reino, e andar com o gajo mais grosso da escola, mesmo que ele fosse um pirete possessivo, fazia parte da ideia.

— Faz sentido, parece-me — disse eu.

Afrodite hesitou e depois acrescentou:

— Até fico mal disposta só de me lembrar.

— De fazeres *aquilo* com o Erik?

Ela curvou os lábios e abanou a cabeça com uma risadinha.

— Minha Deusa, és mesmo pudica! Não, fazer *aquilo* com o Erik até nem era mau de todo. Fico mal disposta só de me lembrar que sonegava as visões e, praticamente, me estava a cagar para Nyx.

— Bem, recentemente limpaste qualquer cocó que tenhas feito para Nyx. E eu não sou *nada* pudica.

Afrodite resfolegou.

— Ficas mesmo feia quando fazes isso — observei.

— Nunca fico *mesmo* feia — disse ela. — Já terminaste com as tuas perguntas sérias que não são perguntas nenhuma?

— Parece que sim.

— Ótimo. É a minha vez. Conseguiste falar com a Stevie Rae? Sozinhas?

— Ai, ai, ainda não.

— Mas vais falar?

— Hã, hã.

— Em breve?

— O que é que tu sabes?

Afrodite respondeu:

— Decididamente, ela anda a esconder-te coisas.

— Coisas tipo iniciados vermelhos? Como já me tinhas dito? — Afrodite não respondeu, o que me causou um aperto no estômago.

— Então? — Instei. — O que se passa?

— Parece que há mais coisas a passarem-se com a Stevie Rae do que simplesmente esconder uns iniciados vermelhos quaisquer.

Eu não queria acreditar em Afrodite, mas o instinto dizia-me que ela falava verdade, e o bom senso também. A Impressão de Afrodite com Stevie Rae dá-lhe uma ligação à minha Amiguinha do Peito que mais ninguém tem. Portanto, Afrodite sabe coisas sobre Stevie Rae. Além disso, e por mais que eu deseje o contrário, apercebi-me de que as coisas não andavam bem com a Stevie Rae.

— Não me podes contar nada mais específico?

Afrodite abanou a cabeça.

— Não. Ela fechou-se completamente.

— Fechou-se? O que quer isso dizer?

— Bem, tu sabes como a tua Amiguinha do Peito pacóvia geralmente é, tipo a nossa própria versão transparente de uma embaixadora da boa vontade *country*, sempre armada em «Minha gente! Olhem só como sou branquinha e doce e pãozinho sem sal! Blargh! Blargh!»

O sotaque exagerado de Afrodite a imitar a voz de Stevie Rae estava um bocadinho bem de mais, e olhei-a com ar severo quando retorqui:

— Sim, eu sei que ela geralmente é sincera e aberta, se é isso que querias dizer.

— Pois sim, ela já não é nada sincera nem aberta. Vai por mim — e a Deusa sabe como eu gostaria que me levassem esta maldita Impressão — ela anda a esconder uma coisa em grande que deve ser muito mais importante do que uns iniciados vermelhos.

— Poças — disse eu.

— Pois — retorquiu ela. — Mas ouve, não há merdinha nenhuma que possas fazer quanto a isso agora, portanto vai dormir. O nosso mundo ainda vai precisar de salvamento amanhã.

— Lindo — comentei.

— Ah, e falando disso — como está o teu namorado?

— Qual deles? — Inquiri de má vontade.

— Aquela Seca das Setas.

Encolhi os ombros. — Parece-me que está melhor.

— Não o deixaste morder-te, pois não?

Suspirei. — Não.

— O Dário tinha razão quanto a isso, sabias? Por mais chatinho que isso possa ser para alguns de nós, e por menos habilitada que tu pareças, agora és a nossa Sumo-Sacerdotisa.

— O que me faz sentir muito melhor, obrigadinha.

— Na boa. Ouve, só estou a dizer que tens de estar a cem por cento, e não toda chupadinha como um martíni extrasseco no *brunch* do clube de campo da minha mamã.

— A tua mamã bebe mesmo martínis de manhã?

— Claro que bebe. — Afrodite abanou a cabeça e fez um ar completamente desagradado. — Não sejas tão ingénua. Seja como for, não faças nenhuma estupidez só porque te sentes dentro do *Telefilme da Semana* e caidinha pelo Stark.

— Cala-te lá com isso, sim? Não vou fazer nenhuma estupidez! — Debrucei-me e apaguei a vela grande que estava na mesinha entre as nossas camas.

A escuridão do quarto era reconfortante e, como nenhuma de nós disse nada durante algum tempo, senti-me começar a adormecer, até que a voz de Afrodite me atirou de volta à consciência.

— Vamos voltar para a Casa da Noite amanhã?

— Creio que temos de voltar — respondi devagar. — Dê lá por onde der, a Casa da Noite é o nosso lar, e os iniciados e vampyros de lá são a nossa gente. Temos de voltar por eles.

— Pois então tens mesmo de descansar. Amanhã vais aterrar mesmo no meio daquilo a que um dos assistentes da minha mãe, antigos militares, chamaria um enorme aglomerado de merda — disse Afrodite na sua voz mais alegremente sarcástica.

Como sempre, Afrodite tinha tanta razão quanto era irritante.